

A Vida
Devocional
na Tradição
Wesleyana

Steve Harper

Do original: Devotional Life in the Wesleyan Tradition
Copyright © 1983 by The Upper Room
© 1992, Imprensa Metodista
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988 de 14/ 12/73

Tradução
João M. Monteiro — Drew University — NJ — EUA

(Edição Original: ISBN: 0-8358-0467-4, The Upper Room - TN)

Imprensa Metodista

ÍNDICE

Apresentação	03
Introdução	05
João Wesley: homem de devoção	06
Companhia constante com Cristo	11
A Palavra suficiente	17
Alimento para jornada	22
Fome de justiça	29
Vida em comum	33
Por todo o mundo	39
Postscriptum	43

Apresentação

O setor editorial da Igreja Metodista coloca nas mãos do nosso povo metodista, o livro: *A Vida Devocional na Tradição Wesleyana*, de autoria do Dr. Esteve Harper, professor no Seminário Teológico Asbury, Wilmore, Kentucky, EUA. Com esta publicação procura-se estar em consonância com os anseios da Igreja, especialmente no que tange ao Planejamento Nacional, aprovado pelo 15º Concílio Geral da Igreja Metodista, realizado em Juiz de Fora, Minas Gerais, nos dias 5 a 13 de julho de 1991.

Naquele conclave nacional, chegou-se à conclusão da urgente necessidade de um aprofundamento espiritual do povo metodista, no sentido de incentivá-lo na busca de uma espiritualidade dinâmica. O roteiro desta busca inclui a leitura diária da Bíblia, a oração, o jejum, o louvor, levando-o a celebrar, com o povo, o Reino de Deus comunitário, participativo e comprometido com a nossa realidade brasileira. Esta celebração, sem dúvida, concretizará a divisa que se persegue.

É evidente que aquela espiritualidade, necessária em nossa vivência e convivência, tanto a nível pessoal quanto comunitário, tem uma raiz, ou seja, um nascedouro: é a espiritualidade do Espírito. Ela nos coloca diante do ministério integral de Jesus Cristo, cumprindo a missão do Reino de Deus: "... o Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos, restauração de vistas aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e apregoar um ano aceitável do Senhor..." (Lc 4.18-19).

Este texto acima, da plataforma ministerial de Jesus, nos coloca, certamente, diante de um tremendo desafio: a unção do Espírito. Esta plenitude tem uma finalidade prática e vivencial, ou seja, produzir uma espiritualidade transformadora, libertadora, inconformada e globalizadora. Uma espiritualidade comprometida, como tal, só pode ser sustentada através da unção do Espírito, dentro de um estilo devocional autêntico, que inspire uma verdadeira paixão missionária, envolvendo uma prática inesgotável de solidariedade e amor.

Neste livro que está sendo lançado: *A Vida Devocional na Tradição Wesleyana*, o autor procura colocar, de forma objetiva e pedagógica, os ensinamentos do nosso insigne fundador, João Wesley, sobre a vida devocional.

No âmbito desta perspectiva, o autor destaca: "ninguém pode desenvolver uma espiritualidade madura em privado. Ser cristão é ser chamado para o seio da comunidade. É tornar-se uma parte funcional do corpo de Cristo... para Wesley era importante tornar palpável para os primeiros metodistas, a dimensão coletiva da vida espiritual. Para isso ele utilizou a Conferência Cristã..."

Na realidade, este livro ajudará, significativamente, o nosso povo metodista, em termos de uma espiritualidade motivadora para uma ação missionária comprometida com

a realidade do Reino de Deus.

Aconselho, portanto, a leitura e estudo pessoal e comunitário deste livro. Ele oferecerá parâmetros importantes dentro da tradição wesleyana, tendo em vista um estilo de vida que se caracterize por um padrão de vida excelente, tanto para as pessoas como para a sociedade.

"Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante Dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém." (Hebreus 13.20-21)

São Paulo, fevereiro de 1992.

Bispo Adriel de Souza Maia
Presidente do Colégio Episcopal da Igreja Metodista

INTRODUÇÃO

Dois fatores interessantes estão se convergindo neste momento no seio da igreja. Em primeiro lugar, há um genuíno ressurgimento de interesse pelo estudo sobre Wesley. Vários materiais para pesquisa acadêmica e enriquecimento da vida leiga estão contribuindo significativamente para a nossa familiarização e apreciação de João Wesley como teólogo e como importante modelo para a renovação do indivíduo e da igreja.

Ao mesmo tempo, uma nova ênfase sobre a formação espiritual está se desenvolvendo. É óbvio que não podemos existir enquanto igreja sem uma profunda e compreensiva prática da vida devocional. Não há programas ou projetos que sejam suficientes para substituir a vitalidade espiritual pessoal e coletiva. Estão aumentando os recursos para ajudar os indivíduos e as igrejas a se desenvolverem nesta área vital.

Este livro é uma tentativa de oferecer uma contribuição tanto ao estudo sobre Wesley quanto à formação espiritual. Através dele eu espero poder demonstrar que no coração da vida e do ministério de Wesley estava o seu envolvente comprometimento com a vida devocional. Eu espero utilizar os seus princípios e práticas como exemplos para que possamos seguir hoje, à medida que procuramos nos desenvolver espiritualmente. Na medida em que este livro ajudar o leitor a crescer na graça e no conhecimento de Jesus Cristo, ele se constituirá, na realidade, em uma vida devocional na tradição wesleyana.

Dr. Steve Harper
Asbury Theological Seminary
Wilmore, Kentucky

João Wesley: homem de devoção

"Começa! Designa uma parte de cada dia para exercícios privados... Quer tenhas prazer nisso ou não, estuda e ora diariamente. É para o benefício da tua vida; não há outra alternativa: de outro modo tu permanecerás frívolo todos os teus dias." (1)

Estas palavras de João Wesley, escritas a um dos seus pregadores itinerantes, demonstram a importância da vida devocional.

Ainda hoje um grande número de pessoas na tradição wesleyana reconhece a marcante dedicação de Wesley à devoção cristã. Conhecemos seu hábito de se levantar cedo e, possivelmente, várias leituras devocionais que ele utilizava. Mas frequentemente o nosso conhecimento não vai além disso. Assim, o exemplo de Wesley oferece pouco auxílio concreto ao nosso empenho em nossa própria formação espiritual.

Isto é lamentável. A vida devocional de Wesley pode constituir uma rica fonte de ajuda e inspiração para nós ao tentarmos estabelecer os nossos próprios padrões devocionais. Este livro é uma tentativa de trazer à luz alguns aspectos da devoção wesleyana que ainda podem servir para enriquecer o nosso relacionamento com Deus. O foco principal do livro está nos meios da graça, que são a base das práticas devocionais de Wesley. Contudo, ao começarmos, é bom que saibamos a razão por que tomamos a João Wesley como um importante guia para a nossa peregrinação devocional hoje.

Nossa compreensão tem início quando recordamos o seu versículo fundamental: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas" (Mt 22.37-40). (2) Wesley utilizou a sua vida devocional como meio de alcançar este alvo, como meio de amar a Deus e ao próximo mais perfeitamente.

Alguns elementos-chave se destacam em suas práticas devocionais, e podem nos ajudar em nossos esforços por amar a Deus e ao próximo de modo semelhante.

Primeiramente, *a vida devocional de Wesley foi marcada pelo realismo*. Quando estudamos a sua vida devocional, sentimos que estamos seguindo um companheiro de jornada na peregrinação da fé. Assim como nós, Wesley tinha os seus altos e baixos. Sua vida devocional não era perfeita, tal como a nossa também não é perfeita. Assim como nós, ele também cometia seus erros pelo caminho.

Um dos erros mais visíveis ocorreu por volta de 1732. A vida devocional de Wesley tomou a forma de um exagerado exame pessoal. Ele começou a se preocupar com a observação da sua pulsação espiritual. Na parte de trás de seu diário (3) ele criou um gráfico através do qual avaliava o progresso que fazia ou deixava de fazer, medindo a sua vida espiritual a partir de uma série de questões pré-estabelecidas. Cada vez que

Wesley falhava em alcançar o nível almejado para uma determinada questão, ele marcava no gráfico. No final da semana, somava o total de marcas em cada questão, para ver quantas vezes tinha falhado naquele ponto. Como podemos ver, o seu sistema levou-o a realçar as suas falhas. Wesley estava praticando um devocionalismo derrotista!

Esta é uma lição que devemos aprender. É fácil cairmos num hábito devocional que acentua o negativo. Especialmente se tivermos uma baixa auto-estima. Limitamo-nos com demasiada facilidade a praticar a primeira parte de Tiago 5.16, "Confessai as vossas culpas uns aos outros," mas nos esquecemos da outra parte, "e orai uns pelos outros, para que sareis". Em consequência disso, a nossa vida devocional se degenera em uma espécie de neurose espiritual.

Naturalmente não podemos ignorar as áreas negativas da nossa vida. Devemos continuar a encarar as falhas e os pecados seriamente. Mas o exemplo de Wesley nos faz lembrar que é pela aplicação da graça de Deus, e não pela ampliação dos nossos problemas, que desenvolvemos uma formação espiritual positiva. Podemos ser agradecidos por Wesley ter corrigido este erro e abandonado a prática de observar o seu "gráfico de falhas". Também nós precisamos desenvolver um estilo devocional que acentue a graça curadora e restauradora de Deus.

A vida devocional de Wesley foi marcada pelo realismo. Ele não esquematizou a sua vida devocional tão perfeitamente de modo que ela funcionasse por sessenta anos como se fosse um automóvel cuidadosamente regulado. Ele precisou fazer alguns ajustes ao longo da jornada. E assim ele nos lembra de que também nós precisamos fazer o mesmo para termos uma caminhada significativa com o Senhor.

Em segundo lugar, *a vida devocional de Wesley foi marcada pela disciplina*. O fato de ter cometido alguns erros não o impediu de prosseguir. Ele estava convicto de ter achado o elemento essencial da vida cristã e estava determinado a conquistá-lo. O testemunho que resultou disso é marcante. Os registros regulares do seu diário indicam que por mais de sessenta anos ele observou fielmente as disciplinas espirituais. Convém mencionar que ele modificava, de vez em quando, a estrutura e o conteúdo. Estava disposto a fazer novos experimentos de vez em quando. Mas a sua intenção básica de se relacionar pessoalmente com Deus nunca vacilou.

Uma vez mais é necessário moderar a sua longa prática de fidelidade com uma nota de realismo. Assim como nós, ele também tinha os seus momentos áridos. Na verdade, ele tinha um símbolo em seu diário que registrava o fervor das suas orações. Muitos dias revelam que suas orações tinham sido "frias" ou "indiferentes". Contudo, ele persistia, na certeza de que novos períodos de ardor e regozijo viriam.

Tenho ouvido mais de uma pessoa dizer: "Eu realmente não estou conseguindo muita coisa com as minhas devoções neste momento, por isso vou suspendê-las por algum tempo, até que o ardor retorne". Conquanto eu simpatize com tais pessoas, cheguei à conclusão de que tal atitude pode ser espiritualmente devastadora. É nos períodos áridos que precisamos permanecer disciplinados e fiéis. Na realidade, a verdadeira oração nasce a partir de um sentido de ausência de Deus e da nossa necessidade dele (4) Se desistirmos nos momentos de secura e fraqueza, não experimentaremos o gozo de encontrar o Deus que vem em nosso auxílio quando estamos em necessidade. E não conseguiremos determinar a causa da aridez. Isto nos leva a cometer novamente os mesmos erros (5).

Wesley aborda este assunto e nos faz lembrar que não podemos basear a nossa vida espiritual em nossas emoções. Temos que centralizá-la na vontade. Ela tem que resultar do nosso sentido de necessidade. Devemos nos esforçar por fazer aquilo que sabemos ser certo, e deixar que Deus providencie as emoções. Mesmo na ausência de emoções, permanecemos confiantes de que Deus está continuando a Sua obra nas nossas vidas. A disciplina torna-se, assim, o método pelo qual a nossa vida espiritual é mantida nos bons e maus momentos.

Em terceiro lugar, *a vida devocional de Wesley foi marcada pela amplitude*. Não há dúvida de que ele baseou a sua vida espiritual nas Escrituras. Certa vez ele afirmou: "A minha base é a Bíblia. Sim, eu sou um fanático da Bíblia. Sigo suas instruções com respeito a todas as coisas, grandes e pequenas" (6). Ele continuamente referia-se a si próprio como um "*homo unis libri*" — homem de um único livro. Mas estas palavras de Wesley revelavam apenas o alicerce e modelo de sua fé. Ele não se limitava à Bíblia. Sua fundamentação nas Escrituras constituía solo firme para a prossecução (*prosseguimento*) da vida espiritual, mas ele sentia-se livre para buscar inspiração significativa em uma vasta gama de materiais devocionais. Wesley era versado nos clássicos. Ele desfrutava do uso de fontes anglicanas, puritanas, moravianas e católico-romanas (7). Conseqüentemente, a sua vida devocional possuía uma profundidade e variedade que uma única fonte seria incapaz de oferecer. Servindo-se da Bíblia como foco, Wesley conseguiu uma síntese benéfica da contribuição espiritual dessas várias fontes.

Daqui podemos inferir mais um princípio importante. Há muitos, hoje, que têm se limitado a uma determinada perspectiva em termos de conteúdo devocional. E o que é pior, alguns têm se contentado com uma vida devocional baseada no que eu chamo de "espiritualidade popular". Refiro-me à espiritualidade que segue o que está em voga, baseando-se nos últimos lançamentos de escritores populares. Há necessidade de se descobrir a riqueza dos materiais devocionais provenientes de muitos séculos de história cristã (8). Somos sustentados por gigantes espirituais. Wesley nos desafia a que nos libertemos de uma noção por demais limitada da vida devocional e a que prestemos atenção aos santos do passado, examinando tudo pelo padrão das Escrituras.

Em quarto lugar, *a vida devocional de Wesley foi marcada por um sentido de comunidade*. Ele nunca permitiu que a sua espiritualidade se deteriorasse em uma religião privada. Sempre que podia, Wesley compartilhava experiências com outros. O seu diário contém uma grande quantidade de referências à sua prática de ler obras devocionais para outras pessoas e discutir as implicações. Suas cartas são documentos ilustrativos da forma como ele orientava o progresso espiritual de outras pessoas (9). Desta maneira ele não apenas servia aos outros, mas também recebia ajuda e inspiração deles.

A atenção que Wesley dispensava ao aspecto coletivo da espiritualidade pode ser claramente percebida na sua organização de sociedades nas quais as pessoas podiam encontrar suporte (10). Esses grupos tornaram-se o centro da vida e do crescimento do Metodismo. O falecido bispo Gerald Ensley estava certo ao observar que Wesley congregava os fiéis através de suas pregações e os alimentava através das sociedades (11).

Era através das sociedades que Wesley demonstrava a dimensão social da formação espiritual. Para ele, era inconcebível que a verdadeira devoção permanecesse privada e interna. A espiritualidade autêntica sempre projeta o indivíduo para o seio de uma comunidade e de uma vida de "santidade social". As orações de Wesley serviam-lhe

de constante lembrete de que o mundo era sua paróquia. As suas ações através das sociedades eram o resultado lógico de uma devoção genuína, e testemunhas da natureza coletiva da vida devocional.

Em quinto lugar, *a vida devocional de Wesley foi marcada pela dimensão da igreja*. É importante termos em mente que Wesley nunca permitiu que a sua espiritualidade pessoal ou que as sociedades se tornassem "substitutos da igreja". Ele mantinha o seu relacionamento com a Igreja Anglicana e esperava que seus seguidores fizessem o mesmo. Observava fielmente as orações da manhã e da noite. Participava da Ceia do Senhor uma vez a cada quatro ou cinco dias, normalmente em um altar anglicano (12). E observava as festividades e jejuns da Igreja Anglicana (13).

Wesley não fazia estas coisas por acreditar que a Igreja Anglicana fosse uma "igreja pura" ou que seus princípios e práticas fossem inquestionáveis. Ele não permaneceu anglicano porque todos tinham as mesmas convicções que ele. Não! A razão de tudo isso era a sua certeza de que ser cristão é ser um membro funcional do Corpo de Cristo. Ninguém pode ser um cristão em isolamento. A vida devocional de Wesley nos faz lembrar que a autêntica espiritualidade não existe à parte da igreja. Deus nos chamou para estar em comunhão com o resto do Seu povo. A nossa vida devocional deve nos aproximar, não nos afastar deste tipo de vida no corpo de Cristo.

Há, em nossos dias, uma renovação do interesse pela formação espiritual e pela vida devocional. Estamos reconhecendo que não somos capazes de enfrentar os desafios destes tempos a menos que sejamos fortalecidos com recursos que vêm de dentro. No seio da igreja estamos reconhecendo que não há uma quantidade de atividades que substitua um relacionamento com Deus na pessoa de Jesus Cristo. O exemplo de João Wesley como homem de devoção é importante para nós, ao procurarmos discernimento e motivação na vida espiritual. A necessidade é tão grande hoje como era então. Deus está tão perto hoje como esteve então!

Questões para discussão

1. Quais das qualidades da vida devocional de Wesley têm maior relevância para você?
2. Que perigos você percebe em alguns movimentos espirituais contemporâneos?
3. Por que é necessário ter uma fundamentação bíblica na busca pela verdade? Você é capaz de se lembrar de algum exemplo em que a falta de fundamentação bíblica tenha levado a problemas?
4. Como você reage ao fato de Wesley permanecer na Igreja Anglicana apesar de seus problemas? Que discernimento isto pode trazer sobre a natureza da genuína renovação?

Notas

1. John Telford, ed., *The Letters of the Rev. John Wesley* (1931; reedição, Londres: Epworth, 1960), 4:103.

2. Todas as referências bíblicas, a menos que estejam acompanhadas de uma nota, são do livro de Wesley *"Explanatory Notes Upon the New Testament* (1954; reedição, Naperville, Ill.: Allenson, 1966).

3. O diário pessoal de Wesley não deve ser confundido com o diário que ele publicou. Este segundo diário aparece em suas obras completas. O diário pessoal ainda está para ser publicado em sua forma integral. Richard Heitzenrater está, atualmente, transcrevendo os diários de Wesley para publicação na nova edição do livro sobre as obras de Wesley (*The Works of John Wesley*, New York: Oxford, 1975), tendo como editor o Dr. Frank Baker.

4. Theodore W. Jennings, *Life as Worship: Prayer and Praise in Jesus Name* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), pp. 25-30.

5. Um bom livreto que trata do problema da aridez espiritual é o livro de Walter Trobisch, *Spiritual Dryness* (Downers Grove, Illinois: Inter-Varsity, 1970).

6. Nehemiah Curnock, ed., *The Journal of the Rev. John Wesley* (1909; reedição, Londres: Epworth, 1938), 5:169.

7. Talvez os escritos devocionais preferidos de Wesley fossem o de Thomas à Kempis, *The imitation of Christ*, o de William Law, *A Serious Call to a Devout and Holy Life*, e os de Jeremv Taylor, *Holy Living* e *Holy Dying*. Para ter acesso a uma lista completa do material devocional de Wesley, consulte minha tese de pós-doutorado, "*The Devotional Life of John Wesley: 1703-38*" (Durham, N.C.: Dulce University, 1081).

8. Existem várias obras úteis para se conhecer os clássicos da devoção. Doubleday publicou três volumes intitulados, *The Doubleday Devotional Classics* (E. Glenn Hinson, ed., 1978). A editora Baker Book House reeditou o livro de Thomas Kepler, *Anthology of Devotional Literatura* (1977). A Upper Room publicou uma série de livretos intitulados *Living Selections from the Great Devotional Classics*. Alguns destes livretos foram publicados em português pela Imprensa Metodista.

9. Um dos melhores exemplos do uso que Wesley fazia das cartas para orientar o crescimento espiritual dos outros, é um conjunto de 37 cartas .da correspondência que ele trocou com "Miss March" (Telford, *Letters* 4:100, 109, 157, 180 & 310; e 5:82, 192, & 261-65 são algumas das cartas principais). Wesley declara que quer apenas "dizer aquilo que espero que direcione a sua caminhada e que impeça que você tenha uma mente cansada ou desfalecida".

10. Este tema é desenvolvido mais à frente, no capítulo 6.

11. Francis Gerald Ensley, *John Wesley, The Evangelist* (Nashville: Methodist Evangelistic Materials, 1958), p. 47

12. Colin W. Williams, *John Wesley's Theology Today* (Nashville: Abingdon, 1960), p. 158.

13. Um dos livros que melhor abordam o relacionamento de Wesley com a Igreja Anglicana é o de Frank Baker, *John Wesley and the Church of England* (Nashville: Abingdon, 1970).

Companhia constante com Cristo

Damos um grande passo na devoção cristã quando a encaramos como uma vida a ser vivida, em vez de simplesmente uma porção de tempo a se observar. Assim, é mais apropriado falar de "vida devocional" do que "momento devocional". Quando estudamos a espiritualidade de Wesley, percebemos isto com muita clareza. Ele nunca dividiu a sua vida em compartimentos. A seu ver, a essência da vida era espiritual. Toda ela poderia, apropriadamente, ser chamada de devocional.

Nos nossos dias, Henri Nouwen tem expressado a mesma idéia através destas palavras: "Se eu não posso encontrar a Deus no meio do meu trabalho — onde as minhas preocupações, dores e alegrias estão — não faz sentido procurar encontrá-lo nas horas livres, na periferia da minha vida. Se a minha vida espiritual não pode crescer e aprofundar-se no meio do meu ministério, como poderá ela crescer nas margens?" (1)

Esta é uma boa pergunta que merece a nossa consideração. Muita gente tem sido levada a pensar que as devoções devem ser feitas nos primeiros momentos da manhã e nos últimos minutos da noite. Os devocionários muitas vezes são estruturados de forma a nos dizer como utilizar estes *minutos* a cada dia. Conquanto seja certamente importante ter um tempo privado com Deus no começo e no fim de cada dia, não podemos comparar este tempo a uma vida devocional, nem separá-lo do resto do nosso dia.

João Wesley procurava meios de expressar a sua vida espiritual durante o dia. Ele encontrou expressão no que chamou de "os meios da graça". Estas eram disciplinas espirituais que as pessoas utilizavam para expressar a sua fé e receber a graça de Deus. Estavam divididas em duas categorias: os meios institucionais da graça e os meios prudenciais da graça (2). Os meios institucionais eram aqueles evidentes na vida e nos ensinamentos de Jesus. Os prudenciais eram meios que haviam sido desenvolvidos pela igreja para dar maior ordem e expressão à vida cristã. Juntos, eles capacitavam o indivíduo a viver uma vida devocional. O resto deste livro se concentrará no exame destes meios de graça.

Para Wesley, o principal meio institucional da graça era a oração. Não é exagerado dizer que ele vivia para orar e orava para viver. Ele chamava a oração de "o grande meio de aproximação de Deus" (3) A oração tinha tal importância porque Wesley entendia a fé cristã como uma vida vivida em relacionamento com Deus através de Jesus Cristo. Por esta razão, a oração era o elemento-chave para a manutenção desse relacionamento. Era o dom de Deus para a humanidade, cujo fim era facilitar e enriquecer tal relacionamento. Além disso, Wesley considerava a ausência de oração a causa mais comum de aridez espiritual (4). Nada poderia substituir a oração na manutenção da vida espiritual.

Conseqüentemente, quando falamos da vida espiritual precisamos começar pela oração. Ela é o "fôlego espiritual" que sustenta a nossa vida em Cristo. É o dom divino de

comunicação e comunhão com o nosso Criador. Do exemplo de João Wesley tiramos muitas contribuições úteis que nos ajudam a melhorar a nossa prática de oração.

Primeiramente, *Wesley orava em privado*. Ele cria que na oração privada o indivíduo aguardava em quietude a recepção das bênçãos de Deus (5). Assim, ele começava o dia em oração. Muito tem sido dito sobre o seu hábito de levantar-se cedo, normalmente às 4h30 ou 5h da manhã. Conquanto seja verdade que ele tenha feito isso por mais de cinquenta anos, é também necessário lembrar que ele geralmente se deitava antes das 10h. O princípio não está tanto na hora específica em que se levantava, mas no fato de que Wesley dirigia os seus primeiros pensamentos para Deus. Ele sabia que ao fixar a sua mente em Deus cedo de manhã, estaria adquirindo a consciência da presença de Deus que permaneceria com ele durante todo o dia.

É natural perguntarmos como Wesley passava os seus momentos de oração privada. Como é de se esperar, ele era por demais metódico para não estabelecer alguma ordem para as suas orações. Ele escolheu a prática comum de estabelecer um padrão semanal, segundo o qual cada dia era dedicado a um tópico em particular (6). As orações escritas formavam a base para as suas orações, mas no seio dessas Wesley deixava espaço para as orações de improviso. As orações escritas forneciam o foco para a sua oração, e as orações extemporâneas possibilitavam a espontaneidade (7). Deste modo, Wesley achava que estava desfrutando do melhor de ambas as formas nas suas orações.

Esta combinação de orações deveria mostrar-se atraente ainda em nossos dias. Ao dar aconselhamento, tenho descoberto que os pensamentos soltos são um problema quase universal na oração. Muitas pessoas têm se expressado assim: "Quando oro, minha mente vagueia em todas as direções. Que posso fazer para manter a concentração?" Muitas vezes sugiro o uso de uma combinação de oração escrita e oração espontânea, e que a oração tenha uma espécie de ordem e plano. Quanto melhor for o nosso foco na oração, menos problemas teremos com uma mente desatenta.

Atualmente, o arcebispo Anthony Bloom tem nos dado bons conselhos quanto às orações escritas. Primeiramente ele afirma a sua convicção de que ninguém pode manter uma vida inteira de oração significativa sem o uso de algumas orações escritas. Ele então nos aconselha a nunca ler uma oração escrita. Antes, devemos orá-la. Isto quer dizer que mergulhamos verdadeiramente no espírito da oração, ao refletirmos sobre as suas palavras, absorvendo-as e depois elevando-as a Deus como expressões do nosso próprio coração (8). Isto mudou totalmente o meu conceito sobre as orações escritas. Percebo, agora, que elas nunca foram escritas para serem lidas, mas para serem oradas.

Wesley também acreditava que ao fazer uso das orações escritas enriquecemos a nossa compreensão e expressão da verdadeira oração. Ao refletirmos sobre as históricas orações da igreja, descobrimos a estrutura e os principais temas da oração. Descobrimos áreas em nossa oração que não estão recebendo a devida atenção. Somos auxiliados a orar num espírito de comunidade com a igreja universal. Assim, Wesley encorajava os primeiros metodistas a permitirem que as orações escritas formassem a base para as suas orações, enquanto as orações espontâneas forneciam a liberdade para responder às instruções especiais de Deus a cada dia.

As orações matinais de Wesley nos lembram da importância de começar bem o dia. Norman Vincent Peale afirmou com justeza: "Amanhecer de forma criativa é uma

habilidade importante. E é uma habilidade que pode ser cultivada" (9). Wesley cultivou a habilidade de ter, no início de cada dia, a mente de Cristo dentro do seu ser.

Mas ele não parou aí. Wesley orava em particular durante o dia. O seu diário mostra que ele treinou a sua mente para orar a cada hora. Estas orações eram geralmente breves, curtas frases de louvor. Elas constituíam o meio de Wesley apresentar os eventos de sua vida a Deus. Depois desta "oração exclamatória" ele geralmente passava os cinco a sete minutos seguintes em meditação.

A esta altura, é fácil perceber que o exemplo de Wesley não é realístico para nós que nos encontramos em meio ao acelerado ritmo da vida moderna. Mas precisamos ter em mente que Wesley também não era um recluso. Ele não vivia uma vida monástica ou isolada. Pelo contrário, mantinha um horário de trabalho, escrita, pregação e viagem, impressionante até mesmo pelos padrões modernos. Evidentemente ele não se retirava a cada hora para os seus exercícios devocionais. Antes, cultivava esse hábito internamente. Ele aprendeu a estar perfeitamente engajado com os assuntos da vida e, ao mesmo tempo, estar envolvido na oração a Deus. Wesley treinou-se para dirigir a sua "voz interior" ao Criador.

Este é o verdadeiro significado do conselho de Paulo sobre o orar sem cessar. Wesley chamou a oração de "fôlego da nossa vida espiritual" e sugeriu que do mesmo modo como um indivíduo não pode parar de respirar, também não pode parar de orar (10). Sem dúvida, não se adquire facilmente esta prática de oração, nem tampouco sem esforço e falhas. Mas até mesmo os escritores modernos, como Thomas Kelly em seu livro Testamento de Devoção, continuam a nos desafiar a esta dimensão da vida devocional.

Para alguns, a oração incessante desenvolve-se através de lembretes. Eu conheço pessoas que colam um lembrete de oração ao seu telefone. Cada vez que ele toca, elas oram pela pessoa do outro lado da linha. Executivos agendam um encontro com Deus no meio do seu dia, trazendo, assim, a sua fé para bem dentro do seu trabalho. Outros colocam lembretes de oração por toda a casa. Ao encontrá-los, eles oram. Algumas pessoas fazem soar o alarme do seu relógio digital a cada hora e usam esse alarme como uma chamada à oração. Cada uma dessas pessoas está exemplificando a preocupação de Wesley em orar durante o dia.

Wesley também orava em privado ao final do dia. Esta experiência lhe dava um sentido de proximidade e dedicação em sua vida espiritual. O foco de cada uma das suas orações noturnas era, novamente, escrito, com um lugar reservado para a espontaneidade. Wesley fazia uma revisão do dia e fazia a devida confissão dos pecados cometidos. Ele tomava resoluções através das quais procurava melhorar a sua vida. E entregava-se ao cuidado e proteção de Deus ao se deitar. Wesley afirmava que, ao fazer isso, podia dormir em paz quase todos os dias da sua vida.

Precisamos aprender a arte de dormir corretamente. Frequentemente me dou conta de que estou trabalhando até a hora de ir para a cama. Conseqüentemente, minha mente ainda está fervilhando quando me deito. Em meu subconsciente continuo trabalhando, ao invés de descansar. No dia seguinte, acordo com uma sensação de fadiga, ao invés de revigoramento. Descobri que não sou um caso único. Wesley nos lembra que precisamos de tempo para nos acalmar e entregar o dia e a nossa pessoa a Deus. A oração privada no final do dia é um meio de desanuviarmos a nossa mente e dormirmos sem o peso dos nossos problemas.

Wesley orava em privado e, ao fazer isso, moldava o seu dia e fazia de cada momento um momento potencialmente divino. Mas ele não ficava apenas na oração privada.

Ele também orava coletivamente. Wesley sabia que sozinha, a oração privada não bastava para uma vida espiritual saudável e assim, fazia questão de procurar meios de orar com os outros.

O meio mais natural para fazer isso era através do Livro de Oração Comum. Como anglicano fiel, Wesley reunia-se diariamente com outras pessoas em cultos de oração de manhã e à noite. Por vezes o grupo era muito pequeno em número; outras vezes ele se dirigia a uma igreja ou catedral. Mas Wesley mantinha-se sempre consistente na sua prática de oração conjunta.

É lamentável que as denominações de tradição wesleyana não tenham uma reunião que corresponda à oração matinal e noturna. Um dos pontos altos da minha estadia na Capela de Wesley foi a nossa participação no culto diário. O grupo era normalmente pequeno, mas a prática da oração conjunta fazia-nos cientes da igreja enquanto comunidade de fé e oração como ponto de foco do nosso viver. Na ausência de encontros regulares para oração conjunta é possível que a vida espiritual se torne excessivamente privada.

Segmentos cada vez maiores do movimento carismático e de outros grupos envolvidos na renovação da igreja têm descoberto a vitalidade da oração coletiva. Aqui na América do Norte, vários grupos se reúnem para oração e celebração da Ceia do Senhor. Na Coreia, multidões se reúnem para orar todos os dias antes de seguirem para o trabalho. O resultado é um aprofundamento da *koinonia* (comunhão) e um derramamento do poder de Deus. Exemplos como estes ajudam a confirmar a convicção de Wesley de que Deus nada faz senão em resposta à oração.

Podemos ter certeza de que Wesley nos encorajaria a procurar momentos para orarmos regularmente com os outros, quer em um grupo ou com apenas um parceiro de oração. Uma outra possibilidade é um ministério de corrente de oração. Mas seja de que modo for, é a dedicação à oração conjunta que reflete o espírito wesleyano, atestando o fato de que somos membros do Corpo de Cristo.

Mas o fato de sabermos que Wesley orava privada e coletivamente não esgota a riqueza da sua vida de oração. Portanto, umas poucas observações adicionais são aqui necessárias. De imediato, nós naturalmente gostaríamos de saber como Wesley orava. Alguns fatores são de interesse neste sentido. Primeiramente, o formato das suas orações era variado. Tendo visto que as orações escritas estavam no centro das suas orações, é importante que notemos agora que Wesley utilizava orações provenientes de várias fontes: O Livro de Oração Comum, o seu manual pessoal de oração (11), outros livros de oração daquela época, e orações da igreja primitiva. A estas Wesley adicionava as suas próprias orações improvisadas. Sua principal preocupação era a de comunicar-se com Deus de forma significativa. Ele variava suas orações para evitar cair na rotina.

Em segundo lugar, *Wesley orava meditativa e audivelmente*. Orava em voz alta, sozinho ou em grupo. O seu diário revela que ele apreciava a combinação da oração verbal com o cântico de hinos. Mas Wesley conhecia o valor do silêncio. Mais uma vez, seu diário revela que grande parte de suas orações era por intermédio da voz interior. A

oração mental permitia-lhe a liberdade de orar sem cessar e em diversas circunstâncias. Este era o segredo das suas devoções de hora em hora, e deve nos servir de lembrete de que precisamos de um lugar sacrossanto interior para a nossa peregrinação espiritual.

Em terceiro lugar, *Wesley expressava toda a amplitude da oração*. Ele louvava, confessava, dava graças, intercedia pelos outros e fazia as suas próprias petições a Deus. Através dessas orações Wesley expressava todas as suas emoções: alegria, tristeza, compaixão, preocupação, confiança. Um dos fatores mais notáveis em sua oração era a honestidade. Frequentemente Wesley expunha a sua alma perante Deus com dúvidas, perguntas, e até gritos de angústia. Quando passava por provações na Geórgia, EUA, principalmente em seu relacionamento com a jovem Sophie Hopkev, Wesley nos revela que procurava orar, mas não conseguia. Naquele momento Deus parecia estar além do alcance, e Wesley não tentava esconder esse sentimento com palavras piedosas e artificiais. Conseqüentemente, as orações de Wesley têm a marca do realismo. Quando ele ora com ardor e paixão, não há dúvida de que está sendo autêntico. Quando classifica as suas orações de frias e indiferentes, podemos certamente nos identificar com ele. Em ambas as dimensões estamos perante um guia realista.

Em quarto lugar, *Wesley lia, estudava e utilizava as orações de outras pessoas*. Ele adquiriu o hábito de reunir orações alheias. A sua intenção era a de copiar inteiramente ou abreviar a oração de um outro cristão. Alguns desses cristãos eram pessoas como Jeremy Taylor ou William Law. Outros eram colegas pouco conhecidos. Qualquer que fosse a fonte, Wesley utilizava as contribuições das orações de outros para o avanço da sua própria vida espiritual. Quando as pessoas vinham até ele procurando ajuda para a sua vida de oração, Wesley muitas vezes compartilhava essas orações com elas. Este fato explica, em parte, a razão por que a primeira publicação de Wesley foi uma Coleção de Tipos de Oração para Cada Dia da Semana (1733). Estas orações, que também refletem o padrão semanal da vida devocional de Wesley, ajudaram a orientar outras pessoas em suas orações.

Eis aqui um princípio importante para nós hoje. Precisamos nos familiarizar com as obras devocionais clássicas. Ao fazermos isso descobriremos que não estamos só em nossa peregrinação espiritual. Outros também passaram pelas mesmas vitórias e derrotas. Eles também fizeram as nossas perguntas, sentiram as nossas dores, e experimentaram as nossas bênçãos. São faróis para o nosso caminho, auxílio na jornada.

Não é fácil encerrar este capítulo. Um exame da vida de oração de Wesley gera um movimento considerável. E esta análise mal ficou na superfície. Talvez, o maior desejo de Wesley fosse que nós adquiríssemos, a partir do nosso estudo, a convicção de que Deus pode ser conhecido. Nas palavras do compositor, nós podemos "andar com ele e falar com ele". Wesley não desejaria que tomássemos a sua vida de oração com um fim em si mesmo. Ele nunca procurou exibir a sua espiritualidade. Na verdade ele até desenvolveu um código para impedir que um observador interrompesse a sua experiência. O único motivo pelo qual devemos observar o exemplo de oração de Wesley é que possamos "ir e fazer o mesmo".

Questões para discussão

1. A sua vida devocional tem estado às margens ou no centro da sua vida? Por quê?
2. Compartilhe o modo através do qual você dirige seus primeiros pensamentos a Deus.

3. Como você reage à idéia de um ciclo semanal em suas orações? Como isto pode ajudar a tornar a sua lista de oração mais fácil de lidar?
4. Você usa algum tipo de lembrete para ajudá-lo a dispensar mais tempo com Deus?
5. Como você encerra o seu dia em termos de devoção?

Notas

1. Henry J. Nouwen, *Creative Ministry* (Garden City, NY.: Doubleday, 1971), xviii.
2. Thomas Jackson, ed., *The Works of John Wesley* (Grand Rapids: Baker Book House, 1979), 8:322-24. Atualmente, esta edição é considerada a edição modelo para os estudos sobre Wesley. Daqui para a frente, todas as referências a este livro estarão sob título Works.
3. Telford, *Letters* 4:90.
4. Jackson, Works 6:81. Sermão "The Wildeness State".
5. Jackson, Works 5:192.
6. Estes temas são ilustrados na primeira publicação de Wesley, *A Collection of Forms of Prayer for Every Day in the Week* (1733). Domingo: O amor a Deus; Segunda feira: O amor ao próximo; Terça-feira: Humildade; Quarta feira: Mortificação; Quinta-feira: Resignação e Brandura; Sexta-feira: Mortificação; e Sábado: Gratidão. O texto para estas orações é encontrado no livro Works 11:203-37.
7. Wesley indicava o momento adequado para as orações extemporâneas pelo uso de parênteses no meio das orações escritas.
8. Anthony Bloom, *Beginning to Pray* (New York: Paulist, 1970).
9. Norman Vincent Peale, *How to Have a Good Day Every Day* (Pawling, N.Y.: Foudation for Christian Living, 1980), p. 5.
10. Wesley, *Notes Upon the New Testament*, p. 762. 1 Tessalonicenses 5.16-17.
11. Antes de publicar o livro *A Collection of Forms of Prayer for Every Day in the Week*, em 1733, Wesley usava um pequeno caderno de notas manuscrito, para reunir orações de outras pessoas e usá-las como ajuda em suas próprias orações. Eu transcrevi este manual de orações escrito em taquigrafia e o incluí em minha tese de pós-doutorado, "*The Devotional Life of John Wesley: 1703-38.*"

A Palavra suficiente

A vida espiritual precisa ter uma base objetiva. As revelações particulares devem ser avaliadas sob o escrutínio de uma norma reconhecida e estabelecida. Em linguagem bíblica, precisamos "examinar os espíritos e ver se eles são de Deus" (1 João 4.1). Falhas neste sentido têm resultado, por vezes, em histórias trágicas e atos bizarros. A nossa geração se lembrará por muito tempo do incidente de Jonestown como um clássico exemplo de espiritualismo mal orientado, ou até mesmo louco (*Jonestown era uma comunidade da Guiana que famosa por ter sido o palco de um dos mais famosos suicídios coletivos da história, comandado pelo fanático religioso Jim Jones em 18 de novembro de 1978, quando 914 dos fiéis da seita "Templo do Povo" ingeriram veneno ou receberam tiros na cabeça*).

João Wesley sabia que era necessário ter um padrão objetivo para uma espiritualidade genuína. Para ele, o padrão era a Bíblia. Ele estava comprometido com a centralidade e autoridade das Escrituras. Apesar de ter lido centenas de livros sobre vários assuntos, Wesley continuamente referia-se a si mesmo como um *homo unis libri* (homem de um único livro). Embora tivesse publicado aproximadamente seiscentas obras sobre vários temas, ele resolutamente mantinha a posição de não permitir qualquer regra, fosse ela de fé ou de prática, que não fosse a Escritura Sagrada (1). No prefácio de seu livro Sermões Principais, Wesley exclama: "Oh, dai-me esse livro! A qualquer preço, dai-me o livro de Deus!... eis nele sabedoria suficiente para mim" (2)

Wesley confirmava esta exclamação com um admirável exemplo de fidelidade ao estudo da Bíblia. Por 65 anos, a Bíblia foi a sua companheira diária na vida de fé. Ela era o seu principal guia para uma vida santa. Como herdeiros de Wesley, precisamos fazer uma clara afirmação da autoridade das Escrituras, não como uma fonte entre várias outras, mas como a norma para a conduta e pensamento do cristão. Precisamos declarar que a Bíblia é o padrão pelo qual os resultados da tradição, razão e experiência são avaliados (3).

Ao mesmo tempo, é importante lembrarmos que, para Wesley, o principal valor da Escritura não se resumia à sua utilidade como um modelo frio e objetivo. Antes, ele via o valor primário da Bíblia na sua peculiar habilidade de levar homens e mulheres a um encontro com o Deus Todo-Poderoso. Assim, podemos afirmar que o valor principal da Escritura (compreendido corretamente) é devocional.

Neste caso, devemos perguntar: "Como Wesley utilizava a Bíblia no cultivo da vida devocional?" E mais: "Como podemos usar o seu exemplo para nos guiar hoje no uso devocional das Escrituras?" Em resposta a estas perguntas, surgem vários princípios.

Em primeiro lugar, *Wesley lia a Bíblia em atitude de adoração*. Isto significa que ele lia sem pressa e de modo reverente. Ele escreveu sobre isso e disse: "Eis-me, então,

aqui, longe das ocupações humanas. Ponho-me aqui a sós com Deus. Eu me exponho ante a sua presença, leio o Seu livro; com este fim, de encontrar o caminho do céu." (4)

Para garantir que os seus momentos de estudo bíblico não fossem apressados, Wesley escolhia as primeiras horas da manhã e os momentos calmos da noite. Esses momentos ofereciam-lhe a possibilidade para meditar sobre o que havia lido. O seu alvo principal era a qualidade, e não a quantidade. É verdade que Wesley normalmente lia um capítulo de cada vez, mas por vezes lia apenas alguns versos. Seu desejo era o de encontrar a Deus e quando o fazia, a quantidade de leitura não tinha grande importância. Assim, Wesley nos faz lembrar que não podemos ler a Bíblia significativamente se o fizermos com pressa. Estar a sós com Deus e com a Sua palavra exige um tempo próprio, e uma atitude própria de reverência e atenção.

Segundo, *Wesley lia a Bíblia sistematicamente*. A sua prática era a de seguir um quadro de leituras diárias no Livro de Orações Comuns. Este método permitia-lhe ler o Antigo Testamento uma vez por ano e o Novo Testamento várias vezes. Permitia-lhe, também, ler contextualmente, e não casualmente. Wesley acreditava que o cristão deveria conhecer "todo o conselho de Deus". Ele dava exemplo disso ao ler o Antigo e o Novo Testamentos, bem como os livros apócrifos.

Seria errado, contudo, supor que Wesley estava apenas à procura de experiência através da sua leitura devocional da Bíblia. Ele também queria conhecer a Palavra de Deus. Ele não via qualquer dicotomia entre o estudo puramente científico da Bíblia e a sua leitura para enriquecimento espiritual. Toda nova informação ou descoberta alcançada constituía mais uma inspiração de Deus, e Wesley encarava-a como tal. Wesley também incluía na leitura das Escrituras o seu conhecimento das línguas originais e o auxílio das melhores fontes de estudo dos seus dias.

Wesley demonstrava a sua preocupação pelo conhecimento bíblico através da preparação das suas Notas Explicativas para o Antigo e Novo Testamentos. Estas notas foram retiradas, em grande parte, de escritos alheios, mas as porções selecionadas representam as impressões de Wesley. Ele disse que preparou estas notas para as "pessoas simples, iletradas... que reverenciam e amam a palavra de Deus, e têm o desejo de salvar as suas almas" (6). Conseqüentemente, os comentários são geralmente despidos de terminologia técnica especializada. Mas até mesmo uma leitura casual revela o seu valor substancial e benéfico.

Wesley nos desafia à leitura sistemática. Questões importantes emergem:

"Será que estou lendo a Bíblia de um modo que me coloca em contato com a sua globalidade?";

"Será que leio a quantidade necessária de porções que me permite compreender as passagens isoladas em seu contexto mais amplo?";

"Será que uso fontes responsáveis para adicionar o discernimento de outras pessoas ao meu próprio estudo da palavra de Deus?";

"Tenho alguma forma de registrar as minhas descobertas?".

Deste modo estaremos sendo fiéis ao exemplo de Wesley, que nos lembra que um conhecimento profundo das Escrituras requer um método sistemático.

Em terceiro lugar, *Wesley lia a Bíblia compreensivamente*. Ele sabia que tinha a vida inteira para ler a Bíblia, portanto não precisava se apressar. Nem tinha que se contentar com uma leitura infundamentada e superficial. Muito à sua maneira, Wesley

desenvolveu um método que resultou em uma experiência compreensiva. Os elementos principais desse método são os seguintes:

1. Regularidade — de manhã e à noite;
2. Unidade de propósito — conhecer a vontade de Deus;
3. Correlacionamento — comparar Escritura com Escritura;
4. Devoção — receber instrução do Espírito Santo;
5. Resolução — colocar em prática o que se aprende (7).

Este último ponto conduz a um outro importante princípio no uso devocional que Wesley fazia da Bíblia: ele lia intencionalmente. Ele escreveu: "Qualquer que seja a luz que tu tenhas recebido, ela deve ser usada máxima e imediatamente" (8) Para Wesley, isso significava pelo menos duas coisas. Primeiramente significava a aplicação pessoal da palavra de Deus à nossa vida. Em segundo lugar, significava que devemos procurar ensinar aos outros aquilo que aprendemos.

Em relação à aplicação pessoal, Wesley encorajava os fiéis a pausarem freqüentemente e a examinarem-se a si próprios à luz do que tinham lido. A isso poderíamos chamar de leitura reflexiva. Ele afirmava que ao fazermos isso, descobriríamos que a Bíblia é, "na verdade, o poder de Deus para a salvação presente e eterna" (9). Tal descoberta nos levaria a tomar as resoluções apropriadas sobre a forma como devemos viver o dia-a-dia.

Em nossos dias, Paul Little resumiu esta mesma dedicação à aplicação em uma série de perguntas:

1. Há, aqui, um exemplo que eu deva seguir?
2. Há algum pecado que eu precise evitar?
3. Há algum mandamento que eu deva obedecer?
4. Há alguma promessa que eu deva reivindicar?
5. O que esta passagem me ensina sobre Deus e Jesus Cristo?
6. Há alguma dificuldade que eu deva explorar?
7. Há alguma coisa nesta passagem sobre a qual deva orar hoje? (10)

Wesley endossaria estas perguntas para nós ao estudarmos a Bíblia. Ficaria feliz em saber que o tempo que passamos com Deus está nos transformando e aproximando nossa vida de uma maior conformidade com a imagem de Cristo. Ele faria eco às palavras do salmista: "Apresso-me e não me demoro em guardar os teus mandamentos" (Sl 119.60).

Mas a definição de propósito nunca pode ser algo privatizado. A total aplicação significa que nós procuramos compartilhar com os outros aquilo que temos aprendido. Wesley afirmou claramente: "Aquilo que eu aprendo, isso eu ensino" (11). Este princípio é reafirmado várias vezes em seu diário, no qual o vemos compartilhando as suas descobertas com as pessoas com quem se encontrava. Às vezes isto tomava a forma de uma leitura mais formal da Bíblia e de outros materiais devocionais. Outras vezes Wesley transmitia suas descobertas em conversas informais. Mas estava sempre aberto a todas as formas e meios de ajudar os outros a crescerem na fé.

Neste ponto é necessário fazer uma advertência. Wesley nunca se mostrou dogmático ou repressivo no seu compartilhar com os outros. Ele não procurava fazer da sua experiência algo universal que impusesse aos outros. Ao contrário, sua aproximação era mais delicada. Aparentemente ele se servia da experiência da outra pessoa como abertura pela qual ele pudesse compartilhar aquilo que Deus havia lhe ensinado em uma

experiência semelhante. Este método contrasta com muitos hoje em dia, que dizem trazer a Palavra do Senhor para nós, mas que esta precisa ser acatada minuciosamente, caso contrário nossa espiritualidade será colocada em dúvida. Wesley nunca agia desse modo. Antes, compartilhava humildemente as descobertas que havia alcançado, na certeza de que se aquela era, na verdade, a Palavra do Senhor para o seu ouvinte, o Espírito Santo se encarregaria de fazer a devida aplicação.

É importante que observemos que a disposição de Wesley em ensinar aos outros o que havia aprendido nas Escrituras, estava firmada na sua confiança nas inúmeras utilidades da Bíblia. Na nota explicativa para 2 Timóteo 3.16 ele afirmou que a Escritura é "proveitosa para a doutrina, para instrução dos ignorantes, para a repreensão ou convicção daqueles que estão em erro ou pecado, para a correção ou emenda de tudo quanto está em falta, e para a instrução e treino dos filhos de Deus em toda a justiça" (12). À luz de tão grande amplitude de significado, não é de se estranhar que Wesley encontrasse muitas oportunidades para compartilhar as suas descobertas com os outros. E ainda hoje a nossa fé ganha uma nova dimensão todas as vezes que relacionamos os eventos da nossa vida com os ensinamentos das Escrituras.

Até aqui temos lidado principalmente com o uso que Wesley, enquanto indivíduo, fazia das Escrituras. Há um último elemento que completa esta imagem. *Wesley lia e utilizava a Bíblia coletivamente*. Ele estava ciente de que a leitura e a instrução na Palavra de Deus eram proveitosas para a comunidade da fé. Assim, nas Regras Gerais, Wesley estimulava os primeiros metodistas a assistirem regularmente aos cultos em que a Palavra de Deus era pregada e ensinada. Isto incluía tanto os cultos anglicanos nas paróquias, quanto as várias reuniões associadas ao movimento metodista: os grupos, as classes, as sociedades e os cultos de pregação. Significava, também, fidelidade na leitura e explicação das Escrituras em cultos domésticos (13).

Com o crescimento do movimento metodista, Wesley reunia seus pregadores para conferências anuais. Nesses encontros eles procuravam encontrar soluções para os problemas que enfrentavam. Estas respostas, registradas nas Atas de Conferências, eram salpicadas de referências às Escrituras (14). Não há dúvida de que em matéria de administração da igreja, Wesley buscava orientação na Bíblia.

No tocante à dimensão coletiva, a área através da qual a influência das Escrituras brilhava com maior intensidade era, muito possivelmente, a hinologia Wesleyana. A verdade é que os primeiros metodistas cantavam a sua fé. É verdade, também, que virtualmente todos os versos dos hinos se baseavam nas Escrituras (15). Algumas das alusões são inconfundíveis; outras são sutis, revelando o conhecimento detalhado e compreensivo que os irmãos Carlos e João Wesley possuíam das Escrituras. Todos os hinos demonstram que os primeiros metodistas procuravam, por todos os meios, assimilar interiormente a mensagem bíblica. Podemos ter certeza de que Wesley encorajaria o uso coletivo da Bíblia. Ele teria grande prazer em ver pequenos grupos se reunirem semanalmente para o estudo da Bíblia. Ele encorajaria a igreja em geral a conduzir os seus negócios tendo como guia a pergunta: "O que diz a Bíblia a este respeito?" E ousar crer que esta atenção à Bíblia constituiria para nós, do mesmo modo como constituiu para Wesley e para o Metodismo primitivo, uma base e um guia para a espiritualidade e ministério no mundo.

O uso devocional das Escrituras reconhece e enfatiza o alcance da Bíblia. Não há área em que a mensagem das Escrituras não seja relevante. Mas as Escrituras só podem agir naqueles que a examinam em atitude de adoração, de modo sistemático,

compreensivo, propositado e coletivo. Em essência, quando lemos a Bíblia, estamos, na realidade, fazendo duas perguntas: "Será que estou esperando encontrar a Deus?" e "Será que estou disposto a obedecê-lo?" (16). João Wesley certamente gostaria de saber como seus filhos na fé responderiam a estas perguntas.

Questões para discussão

1. Por que é importante ter uma base objetiva para a fé? Que perigos ou excessos você tem observado quando esta base não é observada?
2. Compartilhe os métodos ou os materiais que você tem usado na leitura da Bíblia. Que tipos de abordagem mais o tocam em seu uso das Escrituras?
3. Quais as necessidades que você sente neste momento na área do estudo bíblico? Talvez alguém no grupo de discussão tenha uma sugestão para ajudá-lo superar esta necessidade.
4. Discuta os meios pelos quais você procura aplicar o que aprendeu da leitura da Bíblia. Como a Escritura se torna viva no seu viver diário?

Notas

1. John Wesley, *Standard Sermons*, Consiste de quarenta e quatro discursos publicados em quatro volumes... (London: Epworth, 1967), vi.
2. Wesley, *Standard Sermons*, vi.
3. Para obter mais leitura a respeito do lugar e da importância da Bíblia na tradição wesleyana, veja o livro de Mack B. Stoke, *The Bible in the Wesleyan Heritage* (Nashville: Abingdon, 1979).
4. Wesley, *Standard Sermons*, vi.
5. O livro *Explanatory Notes Upon the New Testament* foi publicado pela primeira vez em 1755. O livro *Explanatory Notes Upon the Old Testament* surgiu em 1765. As notas sobre o Novo Testamento vieram a se tornar, juntamente com os livros *Standard Sermons* e *Articles of Religion*, o modelo doutrinário do Metodismo inglês e americano.
6. Wesley, *Notes Upon the New Testament*, p. 6.
7. John Wesley, *Explanatory Notes Upon the Old Testament* (Bristol: Woilliam Pine, 1765; Salem, Ohio, Schmul, 1975), 1:viii.
8. Wesley, *Notes Upon the Old Testament*, viii.
9. Wesley, *Notes Upon the Old Testament*, viii.
10. Paul Little, *How to give Away Your Faith* (Chicago: Inter-Varsity, 1966), pp. 126-127.
11. Wesley, *Standard Sermons*, vi.
12. Wesley, *Notes Upon the New Testament*, p. 794.
13. Jackson, *Works* 8:269-71.
14. Jackson, *Works*, 8:275-338. Veja também um artigo de George Turner, "John Wesley as an interpreter of Scripture", em *Inspiration and Interpretation*, editado por John F. Walwood (Grand Rapids: Eerdmans, 1957), p. 174.
15. A nova edição de *Works*, editada por Frank Baker, conterà um volume sobre a hinologia wesleyana típica. São adicionadas inúmeras referências às Escrituras para ajudar o leitor a perceber o comprometimento dos irmãos Wesley com a Bíblia em seus hinos.
16. William Vermillion, "The Devotional Use of Scripture in the Wesleyan Movement", *Wesleyan Theological Journal*, 16, nº 1 (1981):59.

Alimento para a jornada

A verdadeira espiritualidade existe sempre em relação à igreja.

Como acabamos de ver, até a oração e a leitura bíblica têm a sua expressão coletiva na vida devocional wesleyana. Esta verdade tem seqüência e ênfase no terceiro meio de graça: a Ceia do Senhor.

Albert Outler comentou apropriadamente que Wesley acreditava que a Ceia do Senhor era "literalmente indispensável à vida cristã" (1) O diário de Wesley revela que ele sustentava esta convicção com a prática de comungar uma vez a cada quatro ou cinco dias. Nesta nossa observação da devoção wesleyana não podemos deixar de perceber o significado dessa dimensão de espiritualidade.

No curso dos últimos quinze anos de ministério, a experiência tem me mostrado que há muitos na tradição wesleyana que basicamente ignoram a natureza e importância da Ceia do Senhor na vida cristã. Está havendo um reavivamento da teologia e da consciência dos sacramentos na igreja hoje, mas muitos ainda precisam ser tocados por esta onda de renovação. Conseqüentemente, muitos se ausentam com freqüência da mesa do Senhor, e o fazem com apenas uma vaga noção dos motivos.

Dentro dos propósitos deste estudo, não é elementar demais perguntar: "O que é o sacramento da Ceia do Senhor?" e "Do que é que estamos participando quando nos ajoelhamos para receber o vinho e o pão?". Quando confrontado com esta pergunta, Wesley deu uma resposta tripla (2).

Em primeiro lugar, ele disse que *a Comunhão é uma refeição memorial*. Quando partimos o pão e bebemos do cálice, a nossa mente se volta para o ato de redenção que Cristo efetuou em nosso favor de uma vez por todas. Assim como muitos cristãos antes e depois dele, Wesley entendia que o pão e o vinho eram símbolos da Nova Aliança e lembretes de que esta aliança está em voga ainda hoje.

Mas uma coisa muito importante: o seu conceito de memorial não termina aqui. Ao abordar as palavras de Jesus "Fazei isto em memória de mim" (Lucas 22.19), Wesley realçava o significado hebraico do ato de recordar.

Certamente recordar algo ou alguém era mais do que simples lembrança passageira. Significava recordar um evento de forma tão intensa que esse evento adquiria uma dimensão vital, nova e fresca no presente. Para Wesley, era esta dimensão da recordação que deveria caracterizar a nossa recepção da Ceia do Senhor. Deveríamos recordar a Cristo e nossa experiência com ele de uma tal maneira que nos levantamos da mesa servindo o Salvador ressurreto!

Sendo este o caso, Wesley podia então falar de uma segunda dimensão da Ceia do Senhor, *a real presença de Cristo*. Há muitos que neste ponto entram em uma nova fase de compreensão da teologia sacramental de Wesley. A maioria dos membros da igreja tem uma consciência de memorial, mas a verdadeira presença é outra história. Assim, é importante que saibamos o que Wesley queria dizer. Somos auxiliados pelo conhecimento do que ele não queria dizer.

Primeiramente, ele não estava falando de transubstanciação. Ele não acreditava em qualquer modificação material dos elementos propriamente ditos, pela qual eles se transformassem realmente em corpo e sangue de Cristo.

Em segundo lugar, Wesley não tinha em mente o conceito de consubstanciação. Segundo esta perspectiva, apesar de o pão e vinho não serem modificados em sua composição, Cristo está, contudo, nos elementos. Esta posição era sustentada por aqueles que não podiam concordar com a transubstanciação, mas que queriam, contudo, manter a presença de Cristo localizada nos próprios elementos.

Wesley preferia a posição do Anglicanismo do seu tempo, isto é, a presença real. Isto significa simplesmente que, por escolha própria, o Cristo ressurreto está verdadeiramente presente sempre que a Ceia do Senhor é celebrada. Cristo não vem por intermédio do pão e do cálice; ele vem através do Espírito. Mas Cristo está realmente presente.

Assim, é fácil perceber a razão por que Wesley encarava a Ceia do Senhor como um poderoso meio da graça. E já que Wesley jamais poderia limitar a atividade da graça, ele entendia que a Ceia do Senhor comunicava a graça preveniente, justificadora ou santificadora (3). Ele entendia que a Comunhão tinha um valor fundamental para aqueles que já eram cristãos, mas a experiência lhe ensinou que algumas pessoas tinham se tornado verdadeiros cristãos através de sua participação no sacramento. Ele escreveu: "Vós sois testemunhas. Pois muitos dos que aqui estão neste momento sabem que a vossa conversão, desde o princípio, foi desencadeada na Ceia do Senhor" (4).

Isto explica o motivo por que os metodistas sempre praticaram a Comunhão aberta. O convite à participação no sacramento é estendido a todo aquele que verdadeira e sinceramente se arrepende do pecado (5), não àquele que é membro desta ou daquela igreja em particular. Albert Outler tem razão quando descreve a visão de Wesley através destas palavras: "Trata-se sempre da graça de Deus, nunca do desígnio humano. Assim, ela não pode ser seqüestrada por qualquer autoridade sacerdotal" (6).

Para que a flexibilidade de Wesley a este respeito não seja confundida com indiferença, convém lembrar que ele dava muita ênfase à preparação para recepção da Ceia do Senhor. Isto será discutido mais à frente, mas convém ser mencionado aqui. A abertura que Wesley demonstrava baseava-se na sua compreensão da inclusividade da graça de Deus. O sacramento é um meio pelo qual a graça é oferecida, e esta graça pode executar os propósitos de Deus para aquele que a recebe.

Para Wesley, *a terceira dimensão da Ceia do Senhor era a de que servia como penhor*. Wesley entendia por penhor a promessa da glória futura que aguarda o cristão nos céus. A presença do sacramento na igreja é uma garantia para os cristãos de que o banquete celestial nos aguarda além da morte. Neste mesmo sentido, Wesley também via a recepção dos elementos como forma tangível de contato com a grande nuvem de

testemunhas que nos precedeu. Em resumo, esta dimensão da Comunhão a transforma em uma refeição de celebração em que louvamos a Deus pela realidade da vida eterna e antecipamos a nossa entrada nos céus.

Com esta tripla visão da Ceia do Senhor diante de nós, não é de se estranhar que Wesley a tenha transformado em uma parte vital de sua vida devocional. A verdadeira espiritualidade inclui os elementos da contemplação, experiência e esperança. Cada um deles se realiza na Comunhão. Ao recordarmos a pessoa de Cristo, podemos contemplar a profundidade e a vitalidade do seu sacrifício por nós e a nossa dedicação a ele. Como um meio de graça, experimentamos a presença de Cristo convidando-nos a permitir que ele venha ao encontro da nossa necessidade, com perdão, cura, poder etc. E finalmente, como um penhor, participamos como filhos da promessa e da esperança. Seguramos nas mãos e recebemos em nossos corpos a dimensão física da promessa de Deus de nos receber para si mesmo.

O significado de tudo isto para a espiritualidade wesleyana pode ser descrito através das próprias palavras de Wesley: "Que todo aquele que tem no seu coração algum desejo de servir a Deus, ou algum amor à sua alma, possa servir a Deus e buscar o bem do seu coração através da comunhão, todas as vezes que isso for possível" (7). O movimento metodista primitivo tornou-se um testemunho vivo da preocupação de Wesley. Não era permitido que os cultos metodistas acontecessem à mesma hora dos cultos sacramentais da Igreja Anglicana. Muitas vezes, Wesley pessoalmente levou os metodistas para participarem da Ceia do Senhor na paróquia. À medida que os ministros anglicanos começaram a recusar a Ceia aos metodistas, Wesley passou a usar as suas prerrogativas como pastor anglicano para criar meios para permitir que os seus seguidores participassem do sacramento. Em último recurso, ele permitia que a Comunhão fosse servida em reuniões metodistas. Ele não queria que o seu povo carecesse de alimento para a jornada durante a peregrinação cristã.

Quando consideramos o significado da Ceia do Senhor na nossa própria formação espiritual, podemos ser facilmente levados a um renovo da decisão de participar nesta atividade central de adoração. Wesley ficaria feliz com isso e nos encorajaria a uma nova apreciação do sacramento. Ao mesmo tempo, ele não se esqueceria de que qualquer atenção à Comunhão traria consigo certas questões e preocupações práticas. Foi assim no seu tempo, e ainda o é hoje. Na parte final deste capítulo eu gostaria de abordar algumas dessas preocupações. Se deixarmos de considerá-las estaremos deixando de lado todo um aspecto da vida espiritual.

Tal como nos dias de Wesley, um dos grandes problemas que desconcertam muita gente hoje é o fato de se "comer e beber desordenadamente". A má compreensão desta expressão tem levado muitas pessoas a deixarem de receber a Ceia do Senhor com receio de estarem comendo e bebendo a sua própria condenação. Conseqüentemente, a Ceia do Senhor não faz parte integrante da sua formação espiritual. Ironicamente, Wesley dava maior atenção a este assunto do que aos outros que vamos examinar. Seus discernimentos continuam altamente instrutivos.

Basicamente, Wesley achava que a confusão reinava por causa da má compreensão da afirmação do Apóstolo Paulo em 1 Coríntios 11.27-29. Nos seus dias, assim como hoje, as pessoas tendiam a ler esses versículos e a pensar erroneamente: "Eu não devo comer porque posso ser indigno". Em outras palavras, elas associavam o problema à sua pessoa e ao seu caráter.

Wesley respondeu: “O que está dito não é com respeito ao se ser indigno de comer e beber. Na verdade ele (o apóstolo) está falando de comer e beber indignamente; mas isto é algo diferente; ele mesmo no-lo diz. Neste próprio capítulo somos informados de que comer e beber indignamente significa partilhar do santo Sacramento de forma tão rude e desordenada que alguns estão com fome enquanto outros se fartam e se embebedam. Mas o que é que isto tem a ver convosco? Não é possível que estejais fazendo isso — comendo e bebendo desta forma tão indigna” (8).

Isto muda completamente o sentido da questão, atribuindo-o ao modo de comungar e não ao caráter do comungante. Wesley demonstra que se nos abstivéssemos de comungar por causa da nossa pecaminosidade, então todos teriam que se abster! Todos nós somos pecadores salvos pela graça. Na realidade, a Ceia do Senhor (como meio da graça) é destinada aos pecadores! Não se trata de uma oferta para aqueles que se consideram sem pecados. Para Wesley, o único problema estava em participar da Mesa do Senhor sem um coração arrependido (9). A única pessoa capaz de se apresentar dignamente diante de Deus foi o nosso Senhor. Todos os outros, antes e depois dele, têm sido "indignos". E é justamente a esses que o convite é feito, para que a graça de Deus possa abundar!

Se isso não fosse suficiente para convencer o hesitante, Wesley acrescentava uma outra dimensão. Ele lembrava aos seus seguidores que o convite à Comunhão tinha sido uma ordem: "Fazei isto em memória de mim". Ele mostrava que todo o cristão deseja obedecer aos mandamentos de Deus (10). No parecer de Wesley, é mais fácil nos corrompermos pela desobediência voluntária a uma ordem de Cristo, do que se correremos o risco de um caráter indigno. O chamado à Comunhão é antes um chamado à obediência do que um chamado à perfeição.

Neste ponto, faz-se necessária uma palavra pessoal. Em meu ministério tenho descoberto que estes dois conselhos de Wesley são freqüentemente suficientes para trazer os ausentes de volta à Ceia do Senhor. Precisamos compartilhar estas idéias com aqueles que se afastaram erroneamente deste importante meio de graça. Se você, leitor, está entre essas pessoas, eu gostaria de encorajá-lo a refletir sobre o que Wesley afirmou e a regressar à mesa de Comunhão na próxima oportunidade.

O segundo problema em relação à Comunhão está relacionado como primeiro. É o problema de preparação. Se não é necessário termos alcançado determinado nível de retidão, então o que precisamos fazer? A isto Wesley dá uma resposta que é ao mesmo tempo desafiadora e graciosa. O desafio, como já vimos, seria o de participar da Comunhão com um coração contrito. Isso elimina qualquer idéia de que Wesley aceitaria um ritual descuidado, que simplesmente arrebanhasse as pessoas para ao altar. Ele deixava aberta a possibilidade de abstenção da Comunhão em certas ocasiões. Tais ocasiões não se deveriam ao fato de nos sentirmos pecadores; e, sim, porque não estamos dispostos a nos arrepender. Se nos recusamos teimosamente a responder à convincente graça de Deus e escolhemos continuar no nosso pecado, então seria bom que não participássemos. Mas, uma vez mais, tais ocasiões (se somos cristãos) seriam extremamente raras.

Em termos práticos, a nossa preparação deve se realizar através do auto-exame e oração, e (quando possível) um dia ou dois antes da Comunhão. Wesley freqüentemente usava as suas devoções de quinta-feira à noite como início de sua preparação para a Comunhão do domingo. Mas Wesley sabia que esta forma de preparação nem sempre era possível, por isso afirmava que ela não era "absolutamente necessária" (11). Em

outro momento, ele afirmou que "não é necessária uma determinada condição no momento da comunhão, mas, sim, a consciência do nosso estado, da nossa pecaminosidade e nosso desamparo" (12). Conseqüentemente, descobrimos que na tradição metodista e anglicana os cultos de Comunhão incluíam um tempo para que os possíveis comungantes cultivassem este tipo de atitude. Em nossos dias, deveríamos procurar meios de preparar os nossos corações de modo que pudéssemos nos achegar a Deus aberta e humildemente. Deste modo teríamos uma maior probabilidade de receber os benefícios da graça de Deus.

O terceiro problema prático tem a ver com a freqüência do culto e recepção do sacramento. A rubrica para a Ordem de Comunhão no Livro de Oração Comum (1662) declara que "em catedrais e igrejas colegiais onde há vários pastores e diáconos, a Comunhão deve ser recebida com o pastor ao menos todos os domingos" (13). Assim como muitas de nossas regras hoje, esta particularidade estava sendo amplamente ignorada. O resultado era que muitos recebiam a Comunhão apenas duas vezes por ano, outros trimestralmente, e outros talvez uma vez por mês.

Wesley era muito claro em sua posição, escrevendo que "qualquer pessoa que não a receber (não uma vez por mês, mas) sempre que possível, não pode ter qualquer pretensão à piedade cristã" (14). Num sermão que pregou em 1788, no qual refletiu sobre os primeiros cinquenta anos do Metodismo, Wesley demonstrou que a Comunhão era uma parte estabelecida do culto de domingo (15). E, indo mais além, é importante notarmos que nas instruções de Wesley à igreja americana nascente, ele encorajava os presbíteros a "administrar a Ceia todos os domingos" (16).

Neste ponto, muitos de nós somos, mais uma vez, desafiados à reflexão pelas palavras de Wesley. Embora seja verdade que não podemos (nem devemos) seguir legalisticamente cada detalhe dos escritos de Wesley, é também verdade que não devemos ser casualmente despreocupados quando não o seguimos. A nossa prática deveria ao menos refletir o espírito de Wesley. E temos que admitir que a falha de muitas igrejas em oferecer a Comunhão com maior freqüência baseia-se em motivos bem distintos daqueles que Wesley aprovaria. Deveríamos ser gratos pelo fato de que algumas fontes atuais (como *Word & Table*, de Hoyt Hickman) nos lembram da importância do sacramento da Ceia do Senhor. E qualquer que seja a prática adotada, deveríamos nos esforçar por refletir o significado que a Comunhão tem em nossa tradição.

Em alguns lugares isso implicará em um treinamento intencional da congregação, com base nas idéias que têm sido apresentadas neste capítulo. Em alguns casos, isso pode implicar na adoção de uma posição firme contra opiniões prevaletentes que aprovam a ministração da Ceia o mais raramente possível. É possível que as igrejas encontrem, gradualmente, meios de servir a Comunhão semanalmente ao seu povo, revivendo, assim, o oferecimento freqüente deste meio de graça àqueles que a desejam.

É no contexto desta oferta do sacramento que levantamos o último problema prático, isto é: quem deve recebê-lo? À luz do que tem sido dito, a resposta vem em forma de Comunhão aberta e restrita, e é formulada em termos de supostos requisitos de conquista espiritual. Neste ponto, escrevo com a intenção de abordar a questão da participação de crianças no sacramento. Esta é uma pergunta prática que os pais tem feito freqüentemente.

Na opinião de Wesley, o pré-requisito indispensável para a recepção da Comunhão era o batismo. Como pastor anglicano, ele defendia a exigência da igreja, segundo a qual a Comunhão só deveria ser servida depois da confirmação, geralmente entre os quatorze e dezesseis anos. Contudo, por ter algumas dúvidas pessoais sobre o valor da confirmação, ele estava disposto a permitir algumas exceções nos casos em que as crianças manifestassem uma maturidade especial e desejo de participar do sacramento. Seu próprio caso pessoal é um exemplo. Seu pai, Samuel, achava que João possuía uma sensibilidade espiritual especial aos nove anos de idade, e permitiu que ele fizesse a confirmação e recebesse a Comunhão nessa idade. Assim, ele considerava como base para a participação na Ceia do Senhor a demonstração de uma sensibilidade espiritual, em vez da imposição das mãos de um bispo na confirmação. Isto não deve, contudo, ofuscar o fato de que Wesley seguia declaradamente as instruções da igreja para administrar a Ceia do Senhor àqueles que haviam sido confirmados (17).

Isto nos deixa na posição de poder escolher. Como pais, podemos seguir a igreja e adiar a primeira participação dos nossos filhos na Comunhão até depois da confirmação do Pacto Batismal ou Profissão de Fé. Mas se os nossos filhos foram batizados, podemos seguir a via menos comum da sensibilidade espiritual e permitir que eles participem da Comunhão um pouco mais cedo. Se optarmos por permitir que nossos filhos participem antes da confirmação, então devemos pelo menos instruí-los quanto ao significado do que estão fazendo e nos assegurarmos de que eles têm uma apreciação e reverência adequadas ao evento.

Espero que este capítulo tenha sido instrutivo em nossa consideração sobre a importância da Ceia do Senhor na vida devocional. Como cristãos convictos, podemos encarar o sacramento confiantemente, sabendo que o próprio Cristo é quem servirá de mediador da graça para responder às nossas necessidades. E de posse desta verdade, seremos grandemente abençoados ao recebermos o pão e o vinho.

Questões para discussão

1. Qual dos aspectos sobre a natureza da Ceia do Senhor tem maior significado para você?
2. Você já teve dúvidas em relação à questão da indignidade no recebimento da Comunhão? Conhece alguém que já tenha tido essas dúvidas? Como os comentários de Wesley podem lhe ser úteis?
3. Discuta sobre o lugar e o significado que a Comunhão ocupava em sua vida no passado. Que novos discernimentos ou motivações este capítulo ofereceu para torná-la mais significativa no futuro?

Notas

1. Albert C. Outler, ed., *John Wesley* (New York: Oxford University Press, 1964), p. 333.
2. George Osborn, comp. *The Poetical Works of John and Charles Wesley* (London: Wesleyan-Methodist conference office, 1869), 3:186.
3. Jackson, *Works* 1:280.
4. Jackson, *Works* 1:279.

5. *The Methodist Hymnal* (Nashville: United Methodist Publishing House, 1964), #830.

6. Outler, *John Wesley*, p.33.

7. Jackson, *Works* 7:148.

8. Jackson, *Works* 7:152.

9. Jackson, *Works* 7:154.

10. Jackson, *Works* 7:150.

11. Jackson, *Works* 7:149.

12. Jackson, *Works* 1:280.

13. Citado no livro de Outler, *John Wesley*, p. 415.

14. Jackson, *Works* 7:156.

15. Jackson, *Works* 7:209.

16. Telford, *Letters* 7:239.

17. Frank Baker, *John Wesley and the Church of England* (Nashville: Abingdon, 1970), p. 157. A questão que envolve quem pode ser aceito à Ceia do Senhor é complicada pela visão de Wesley a respeito do valor duvidoso da confirmação. Outras visões a respeito deste assunto podem ser encontradas no livro *The Works of John Wesley*, de Baker, pp. 236, 244 e 331.

Fome de justiça

Na história da espiritualidade cristã, o tema da abnegação é de suprema importância. Santos de todos os tempos têm reconhecido que a vida espiritual não tem a ver apenas com o que recebemos, mas também com o que oferecemos. É este movimento de dar e receber que traz equilíbrio à nossa fé.

Na tradição wesleyana, particularmente no que diz respeito aos meios de graça, o elemento da abnegação é mais visível na disciplina do jejum. É bastante significativo que Wesley tenha incluído o jejum entre os cinco meios institucionais de graça. Ele estava convicto de que o jejum era "perfeitamente enraizado na igreja de Deus" (1) e praticado pelo próprio Cristo (Mt 6.16). Isto era motivo suficiente para justificar esta prática em seus dias.

A defesa que Wesley fazia do jejum não desconhecia o fato de terem abusado dele através dos séculos, tomando, por vezes, formas bizarras. Ele escreveu: "Dentre todos os meios da graça, nenhum tem experimentado maiores extremos do que... o jejum religioso" (2). A sua própria vida, particularmente durante o Clube Santo e a estadia na Geórgia, EUA, foi um desses casos. Mas se não houvesse exageros, Wesley acreditava que a prática do jejum representava um auxílio decisivo no crescimento espiritual.

Ao abordarmos este assunto, será de grande ajuda examinarmos os principais aspectos de uma teologia Wesleyana com relação ao jejum. A partir daí poderemos passar a examinar as práticas do próprio Wesley e dos primeiros metodistas. Fundamentados nisso, estaremos em condição de poder estabelecer o nosso próprio uso da disciplina do jejum na formação espiritual.

O tratamento mais sistemático que Wesley deu ao jejum está em seu sétimo discurso sobre o Sermão do Monte. Este sermão faz parte dos Sermões Principais, que oferece outros significados doutrinários ao seu conteúdo. Estaremos mais seguros se tentarmos apenas captar as idéias que Wesley apresenta nesta mensagem.

Ele reconhecia a definição fundamental de jejum na Bíblia: abstenção de alimento. Ele também estava ciente de que a Bíblia continha exemplos de práticas adicionais que acompanhavam o jejum, mas que não tinham, necessariamente, uma ligação com ele. A estas Wesley chamava de "circunstâncias indiferentes" (3). A sua principal preocupação era a de defender o jejum como uma disciplina em si própria e sem adornos adicionais.

Wesley estava consciente de que a duração do jejum variava muito nas Escrituras, chegando ao extremo de durar quarenta dias e quarenta noites. Mas ele acreditava que a prática mais comum era a de jejuar por um dia, de manhã até o anoitecer. Ele não só encontrou sustentação bíblica para isto, mas também evidências de que esta era a

prática mais comum da igreja primitiva. Wesley sabia que quartas e sextas-feiras eram amplamente reservadas ao jejum pelos primeiros cristãos, e que a estes eram acrescentados outros dias de jejum ao longo do ano (4).

Biblicamente, Wesley estava disposto a reconhecer vários tipos de jejum. O mais comum era não comer qualquer alimento durante o período designado para o jejum. É importante notar que Wesley não se opunha ao uso de líquidos durante o período, mesmo sabendo que poderia haver ocasiões em que a pessoa não comeria nem beberia nada. O segundo tipo era a abstinência, que ele achava que poderia ser usado quando a pessoa não podia observar um jejum completo. Uma pessoa doente poderia escolher esta forma. É interessante que Wesley não conseguiu encontrar exemplos deste tipo de jejum na Bíblia, mas ele escreveu: "Não ocorre nenhuma passagem nas Escrituras alusiva a tal prática, mas não a posso condenar, desde que a Escritura não o faz. Ela pode ter sua utilidade – e sem dúvida recebe a bênção de Deus." (5). O terceiro tipo era abstenção de alimentos de prazer. Este tipo de jejum era usado nas Escrituras por aqueles que não queriam se contaminar com refeições faustosas.

Neste ponto surge um importante princípio. Wesley distanciou-se propositadamente de um setor da tradição cristã que enfatizava o lado da mortificação corporal no jejum. Ele se opunha terminantemente à utilização do jejum que buscasse provar a espiritualidade pelos exageros do ascetismo físico. Ele escreveu: "Sim, o corpo pode por vezes estar em más condições para poder responder aos desafios do nosso chamado. Temos que prevenir-nos diligentemente contra isto; pois temos que preservar a nossa saúde como uma boa dádiva de Deus" (6).

Em resumo, quando encarado de modo sensato e numa perspectiva bíblica, o jejum pode ser uma disciplina benéfica. Poderia ser usado por pessoas movidas pela convicção, por pessoas cientes das intemperanças no comer e beber, e por aqueles que queiram encontrar mais e melhores ocasiões para a oração (7). Na verdade, o que Wesley mais queria realçar na vida devocional era a ligação entre o jejum e a oração. É por isso que os crentes poderiam dedicar-se a jejuns regulares, sem esperarem por uma crise espiritual que os levasse a jejuar.

Na prática de qualquer disciplina espiritual, somos auxiliados pelo exemplo de outras pessoas, mesmo que não tenhamos que segui-los em todos os pormenores. Na prática do jejum, o exemplo de Wesley é benéfico, pois enfatiza o equilíbrio. Normalmente ele seguia o costume da Igreja Anglicana que encorajava o jejum às sextas-feiras, durante a Quaresma, os quatro dias de tēmporas (*são quatro jejuns celebrados pela Igreja e relacionados com o ritmo sazonal, a saber: o Terceiro Domingo do Advento, o Segundo Domingo da Quaresma, O Domingo da Trindade e o 26º Domingo do ano, juntamente com as Quartas-feiras e os Sábados precedentes*) e os três dias anteriores à comemoração da ascensão de Cristo (8). Entre 1725 e 1738, quando Wesley estava conscientemente moldando suas práticas a partir da igreja primitiva, ele jejuava às quartas e sextas-feiras. Depois de 1738, contudo, ele parece ter retornado à prática do jejum às sextas-feiras. Em suma, Wesley foi um fiel exemplo e exortava os primeiros metodistas a que também o fossem.

Tomando uma sexta-feira como exemplo, podemos reconstruir os principais aspectos dos períodos de jejum de Wesley. Ele começava a jejuar após o jantar da quinta-feira. Geralmente ele não voltava a comer até sexta-feira à tarde, quando tomava chá. Mas, como já vimos, Wesley costumava beber algo durante o jejum (água, chá ou caldo) se achasse que isso era necessário para a sua saúde. A ênfase principal estava

em dedicar aquele tempo à oração. Segundo Wesley, o propósito geral era que (o jejum fosse) "...observado em função de Deus, com os nossos olhos fixos nele. Que a nossa intenção seja esta, e só esta, de glorificar o nosso Pai que está nos céus; de expressar a nossa tristeza e vergonha pelas nossas muitas transgressões da sua lei santa; de esperar um aumento da graça purificadora, trazendo as nossas afeições mais perto das coisas do alto; de aumentar a seriedade e empenho das nossas orações; de desviar a ira de Deus, e de obter todas as grandes e preciosas promessas que Ele nos tem feito em Jesus Cristo" (9).

Partindo do princípio de que aquilo que aprendia isso também ensinava, Wesley encorajava os primeiros metodistas a incluírem o jejum em sua formação espiritual. Nas Regras Gerais de 1743 Wesley encorajou as Sociedades Unidas a praticarem o jejum como uma forma de "dar atenção a todas as ordenanças de Deus" (10). Nas Regras Gerais Wesley não especificou a época, frequência ou duração do jejum. Mas muito cedo neste movimento a sexta-feira veio a tornar-se o dia de jejum para o metodista.

Em 1744, quando Wesley dirigiu a primeira Conferência Anual (*que equivale ao Concílio Geral ou Regional na Igreja Metodista no Brasil*), ele abordou a questão do jejum. Escreveu: Deus "encaminhou-vos ao jejum no começo da vossa jornada. Com que frequência jejuais? Todas as sextas? Em que grau? Eu decidi comer somente legumes às sextas-feiras, e somente torrada e água pela manhã" (11). Nessa altura da sua vida podemos perceber que Wesley praticava a abstinência mais do que o completo jejum e recomendava o mesmo aos seus pregadores na Conferência. A rejeição do ascetismo rigoroso e a primazia da oração e da devoção continuam a caracterizar o espírito do jejum metodista.

Em 1768, Wesley emitiu uma diretiva às sociedades, afixando dias regulares de jejum em setembro, janeiro, abril e julho. Além disso, a Conferência Anual adotou ainda mais a prática do jejum às sextas-feiras. É interessante que a questão do jejum tenha levado à discussão da perfeição cristã, assim demonstrando que na busca da santidade a prática da abnegação era significativa (12). Wesley também continuava a encarar o jejum como um ato frequentemente utilizado por Deus para abençoar o povo com o reavivamento (13).

Quando inquirimos acerca do sentimento dos primeiros metodistas quanto ao jejum, a atitude de Hannah Ball (*uma metodista que organizou uma Escola Dominical para crianças em 1769, 11 anos antes de Robert Raikes, considerado por muitos o fundador da Escola Dominical*) é típica. Ela escreveu que o dia semanal de jejum era "um dia de privação para o meu corpo, mas um dia de festa para a minha alma". Neste mesmo registro ela afirmou que esse era um tempo de "incomum liberdade de espírito e comunhão com Deus" (14).

Ao concluirmos o nosso exame do jejum dos primeiros metodistas, seria bom resumirmos os elementos principais que o tornaram significativo.

Primeiramente, era um ato que glorificava a Deus, permitindo um tempo maior para a oração. Na vida espiritual, constituía um ato tangível que verificava a prioridade do espírito sobre a carne. Neste sentido, Wesley não se opunha ao jejum como forma de protesto contra as práticas indulgentes de outras pessoas na sociedade, embora nunca com uma atitude de "eu-sou-mais-santo-do-que-vocês". O jejum deveria ser encarado por todos como um ato de reverência a Deus e prova de que a vida poderia ser vivida com moderação, mantendo as dimensões material e espiritual em equilíbrio.

Pode-se perguntar se as mesmas questões não se levantam nos nossos dias em relação à prática contínua do jejum. Devemos adotar todo e qualquer ato de adoração que resulte em uma maior glorificação de Deus. Numa sociedade que muitas vezes dá valor às coisas tendo em vista o consumo, o exemplo da abnegação é ainda notável. O jejum é ainda uma forma legítima de demonstrar a supremacia das coisas espirituais. Para a igreja, tanto hoje quanto então, Deus abençoaria o jejum coletivo com reavivamento e renovação.

O exemplo wesleyano serve-nos bem no processo de restaurar o jejum a um lugar significativo na vida espiritual, sempre com cautela para evitar práticas excessivas desnecessárias. Uma espiritualidade madura fará bem em aproveitar as ocasiões em que a atenção para com o corpo pode ser preterida em favor da atenção a Deus.

Questões para Discussão

1. Que novos discernimentos você adquiriu através da leitura deste capítulo? De que modo você pretende implementá-los no avanço da sua formação espiritual?
2. Compare os seus próprios motivos para jejuar com aqueles expressos por Wesley. Quais as reformulações que precisam ser feitas? Por quê?
3. Você já ouviu outras pessoas darem suas razões para o jejum? Você acha que essas razões precisam ser reformuladas à luz deste capítulo?
4. Você tem alguma idéia para restaurar o jejum a toda a igreja? O jejum coletivo tem lugar no Corpo de Cristo hoje?

Notas

1. Wesley, *Notes Upon the New Testament*, p. 39.
2. Jackson, *Works* 5:345.
3. Jackson, *Works* 5:346.
4. Jackson, *Works* 5:346-47.
5. Jackson, *Works* 5:346.
6. Jackson, *Works* 5:359.
7. Jackson, *Works* 5:348-51.
8. Frank Baker, ed., *The Works of John Wesley* (New York: Oxford University Press, 1975), 11:79. O editor do volume 11 foi Gerald R. Cragg.
9. Jackson, *Works* 5:357-58.
10. John Wesley, *The Nature, Design and General Roles of the United Societies in London, Bristol, Kingswood and Newcastle upon Tyne*, (Newcastle-Upon-Tyne: publicado por John Gooding, 1743), p.8. Cf. Jackson, *Works* 8:271.
11. "Conference Minutes of 1744" *Publications of the Wesley Historical Society*, Nº 1 (London: C. H. Kelly, 1896), p. 17.
12. Leslie Frederic Church, *More About the Early Methodist People* (London: Epworth, 1949), p. 278.
13. Telford, *Letters* 5:112.
14. John Parker, ed., *Memoirs of Miss Hannah Ball of High Wycombe* (London: Mason, 1839), pp. 39-40.

Vida em comum

Ninguém pode desenvolver uma espiritualidade madura sozinho. Ser cristão é ser chamado para o seio de uma comunidade. É tornar-se uma parte funcional do Corpo de Cristo. Este fato foi demonstrado nos capítulos anteriores através da expressão coletiva de cada um dos meios da graça. Mas para Wesley era importante tornar palpável para os primeiros metodistas a dimensão coletiva da vida espiritual. Para isso ele utilizou a Conferência Cristã.

O termo não é familiar hoje, mas Wesley utilizou-o para descrever todas as experiências de grupo que tiveram lugar através das Sociedades Unidas. O exemplo mais próximo que temos hoje são as várias formas de pequenos grupos que existem dentro e fora da instituição da igreja. Wesley era capaz de perceber esta dimensão como um meio da graça porque via este princípio no chamado de Jesus à união dos discípulos, e na ênfase do Novo Testamento na assembléia, koinonia etc.

Através da variedade de ministérios de grupo oferecidos pelas Sociedades Unidas, Wesley percebia a mediação de certos elementos essenciais: nutrição, estudo, encorajamento, mordomia, testemunho e serviço. Todos eles precisavam estar presentes na vida de qualquer crente, e eram sediados da melhor maneira através das experiências de grupo. Neste capítulo, gostaríamos de examinar as várias expressões de conferência cristã, utilizando-as como base para a implementação deste meio de formação espiritual nos nossos dias.

A maior das unidades de comunhão era a sociedade. Em lugares como Bristol e Londres o número de membros chegou às centenas. Mas em muitos lugares o número era inferior a cem. Entre 1739 e 1743, estas sociedades operavam mais ou menos independentemente, embora a supervisão pessoal de Wesley garantisse a consistência entre os vários grupos. Em 1743, tornou-se óbvio que algum sistema era necessário para controlar as atividades das sociedades. Assim, Wesley lavrou o documento conhecido como "As Regras Gerais das Sociedades Unidas".

A participação nas sociedades era aberta a todos quantos desejassem fugir da ira vindoura. A sociedade reunia-se semanalmente, sendo que a oração, a exortação, e o cuidado mútuo eram os principais componentes da vida comum. O alvo principal era auxiliarem-se mutuamente a alcançar a sua própria salvação (1). Mas é importante realçar que esta não era uma espiritualidade voltada apenas para o seu interior, pois ao mesmo tempo havia também uma dedicação à mordomia e ao ministério, também claramente expresso nas Regras Gerais (2).

Os motivos que levaram Wesley a estabelecer a estrutura da sociedade têm sido interpretados das mais diferentes formas. O motivo dominante parece ter sido a

convicção de que o alimento imediato é necessário para aqueles que foram ganhos através da pregação. Indo mais além, Wesley demonstrou claramente que apenas a pregação não poderia produzir uma espiritualidade madura. No primeiro ano das Sociedades Unidas (1743), ele escreveu: "Eu me disponho, com a graça de Deus, a nunca desferir qualquer golpe cujas vibrações eu não possa seguir" (3). Vinte anos mais tarde ele visitou uma área onde as reuniões da sociedade estavam em declínio e então escreveu:

"Eu estava mais convencido do que nunca, de que pregar como um apóstolo, sem ajuntar os que são despertados, e sem treiná-los nos caminhos de Deus, era como conceber filhos para o assassino. Quanta pregação não tem havido todos estes vinte anos através de Pembrokeshire! Mas nenhuma sociedade regular, nenhuma disciplina, nenhuma ordem ou conexão; e o resultado é que nove em cada dez despertados estão agora mais adormecidos do que nunca". (4)

Intimamente relacionado à nutrição está a questão da renovação. Wesley havia sido influenciado em Oxford nos anos de 1730 por uma obra publicada em 1680, *O Conselho de Country Parson aos Seus Fiéis*. Nela, o autor declarou:

"Se os fiéis da igreja nas várias partes do reino, se unirem em sociedades amigas e ligadas umas às outras... em todo o modo cristão, esse será o meio mais eficaz de restaurar a nossa Cristandade decadente à sua primitiva forma e vigor". (5)

Em 1743, várias sociedades religiosas como estas tinham sido fundadas (6). A utilização que Wesley fez deste tipo de experiência coletiva, demonstra um espírito semelhante ao dos que o precederam no tocante à renovação da igreja.

Deus confirmou a escolha de Wesley quanto à estrutura da sociedade como base para o movimento metodista primitivo. Em 1768, o Metodismo possuía quarenta circuitos e 27.341 membros. Dez anos mais tarde, havia crescido para sessenta circuitos e 40.089 membros. Uma década depois possuía 99 circuitos e 66.375 membros. Em 1798, o Metodismo tinha 149 circuitos com 101.712 membros (7).

Wesley seria o primeiro a admitir que a eficácia das Sociedades Unidas consistia em algo mais do que apenas as reuniões públicas semanais. Ele sabia, por princípio e exemplo, que a formação espiritual requer uma comunhão mais concentrada e íntima. Assim, o segundo nível da vida comum foi expresso nas reuniões de classe.

Na realidade, o conceito de reunião de classe desenvolveu-se mais lentamente. De 1739 a 1742, o movimento metodista emergente expressou-se fundamentalmente através das sociedades e do grupo (a ser discutido a seguir). Em 1742, Wesley sentiu a necessidade de uma estrutura intermediária. Isto era necessário para garantir a continuação da nutrição pessoal à medida em que as sociedades cresciam em número. Era especialmente importante para aquelas pessoas na sociedade que não poderiam tornar-se membros dos grupos. Era necessário também para prover acesso geográfico à comunidade. Em 1746 esta dimensão de vida grupal havia se tornado uma parte estabelecida do sistema metodista (8).

O encontro de classe é a expressão mais próxima do movimento contemporâneo de pequenos grupos. Cada grupo consistia de aproximadamente doze pessoas, e reunia-se em casas particulares. Os líderes eram geralmente leigos, embora se saiba que algumas mulheres leigas tenham ficado responsáveis por alguns grupos. Os líderes das classes

eram, na realidade, sub-pastores no sistema metodista, e alguns dos líderes mais proeminentes itineravam pela área, fazendo contatos com todas as classes.

No começo do movimento das reuniões de classe, os encontros tendiam a uma natureza mais formal, com o líder mantendo-se de pé à frente do grupo, fazendo perguntas acerca da condição espiritual de cada membro.

Contudo, o estilo tornou-se mais flexível e uma atmosfera familiar prevaleceu. Leslie Church descreve um encontro típico da seguinte forma:

“Os problemas eram submetidos ao grupo e freqüentemente resolvidos, as experiências espirituais eram compartilhadas, e os membros regozijavam na certeza da presença de Deus. Os encontros começavam e terminavam com um hino e uma prece, e havia simplicidade e intimidade no ato de adoração, as quais teriam sido destruídas por quaisquer formalidades”. (9)

Além da comunhão dos membros, o encontro de classe também oferecia a base para a mordomia e a missão do metodismo primitivo. "Um penny por semana e um shilling por trimestre" tornou-se o lema (10). Através das Sociedades Unidas, as contribuições alcançaram somas consideráveis, e o dinheiro foi utilizado fundamentalmente para ajudar os pobres e sustentar os pregadores metodistas itinerantes (11). É provável, também, que este sentido de missão tenha ajudado a impedir que as classes se tornassem introvertidas e sociedades de admiração espiritual. A sua vida era uma expressão das palavras de Jesus: "A quem muito se dá, muito se requer."

O elemento da disciplina é um outro aspecto notável das reuniões de classe. Cada membro recebia um bilhete com o seu nome, data e a assinatura de Wesley ou de algum dos pregadores. O bilhete era válido para um trimestre, e os membros infiéis não recebiam a renovação do seu bilhete para o trimestre seguinte. Além dos bilhetes, Wesley exercia mais disciplina com as suas visitas periódicas. Com isto ele examinava, regulava e até purificava as classes (12).

Pelos padrões de hoje tais práticas parecem duras, mas seria um erro assumir qualquer espírito desinteressado ou legalista nas práticas de Wesley. O seu povo o amava demais e eles parecem ter compreendido amplamente aquilo que Wesley estava procurando fazer. Ele estava convencido de que não poderia haver maturidade espiritual sem disciplina. Além do mais, as classes eram associações voluntárias. Ninguém era forçado a participar delas. Wesley esperava que os membros obedecessem às regras, não porque eram forçados a fazê-lo, mas porque haviam escolhido obedecê-las. Isso explica o fato de que Wesley podia purgar as classes quando fosse necessário. Ele não expulsava ninguém. Os membros expulsavam-se a si próprios quando falhavam em observar os padrões que haviam previamente aceitado. E devemos sempre lembrar que a readmissão era possível a todo aquele que estivesse disposto a reassumir as regras do grupo.

O resultado de tudo isso foi que o encontro de classe tornou-se o coração do movimento metodista. Durante os séculos dezoito e dezenove era o principal meio de reunião no Metodismo britânico (13). E é interessante que as classes parecem ter sido o lugar onde ocorreu o maior número de conversões (14).

Embora a estrutura mais duradoura do Metodismo estivesse nas sociedades e nos encontros de classe, é importante mencionar os grupos. Wesley tirou essa idéia dos

Moravianos, embora ela possa referir-se a uma época ainda anterior a eles (15). Wesley utilizou a estrutura do grupo nas primeiras sociedades, mas por ocasião de sua morte, em 1792, muitos grupos já não funcionavam e o encontro de classe tornou-se dominante.

Deve-se dar atenção aos grupos por causa do princípio básico que os fez surgir. Este princípio regia que a maturidade espiritual é reforçada quando pessoas do mesmo sexo se reúnem em pequenas reuniões confidenciais.

Assim, alguns grupos foram organizados para homens e outros para mulheres. O número médio de participantes era entre cinco e oito, sendo que, aparentemente, nenhum grupo tinha um número superior a dez.

As regras dos grupos foram lavradas por Wesley em 1738, cinco anos antes das Regras Gerais das Sociedades Unidas serem desenvolvidas. Um exame destas regras indica que os propósitos das reuniões semanais do grupo eram o testemunho e o exame mútuo. Após uma oração e o cântico de um hino, uma pessoa falava sobre o estado da sua alma. Então, os outros, em seqüência, procediam do mesmo modo. Era dedicada atenção especial à superação das faltas pessoais e à aquisição de um sentido de perdão e paz com Deus (16). Era um grupo de apoio no melhor sentido da palavra. A vulnerabilidade pessoal era necessária de um modo específico. Mas o risco provocava uma onda de encorajamento mútuo, conselho e oração.

Devido à natureza intensiva da experiência do grupo, esse era o único nível da vida grupal metodista em que os membros tinham que ser cristãos por profissão de fé. Psicológica e teologicamente não é difícil compreender este fato. Wesley sabia que o ato íntimo - até mesmo arriscado - de compartilhar experiências pessoais só poderia ter lugar quando a pessoa tivesse resolvido a questão fundamental de sua aceitação por parte de Deus. Para aquele que estivesse do lado de fora, ou mesmo apenas marginalmente ligado ao movimento, a experiência poderia ser ameaçadora demais. Além disso, as reuniões dos grupos eram também voluntárias e as estatísticas demonstram que apenas cerca de vinte por cento dos metodistas usufruíam deste tipo de formação espiritual (17).

As sociedades, classes e grupos formavam as principais expressões da vida grupal metodista e serviam como principais meios da graça no cultivo da maturidade espiritual. Mas estes não esgotaram o sistema. Certas sociedades (por vezes chamadas grupos seletos) existiam para aqueles que pareciam estar fazendo um progresso especial em santidade interior e exterior. Também existiam grupos de penitência para aqueles que haviam escorregado, mas que agora estavam prontos a renovar a sua dedicação. E além dessas reuniões regulares, as festas de amor, noites de vigília e cultos de aliança ofereciam oportunidades menos freqüentes para vida e o crescimento em comunidade.

Antes de concluirmos, devemos lembrar que tudo o que tem sido descrito aqui acontecia além dos cultos regulares da igreja. O Metodismo primitivo foi, durante toda a vida de Wesley, um movimento de renovação dentro da Igreja da Inglaterra (Anglicana). Na realidade, muitos líderes anglicanos não apoiavam os metodistas. E a questão da relação de Wesley com a igreja estabelecida é um assunto complexo que está além da nossa possibilidade de abordagem aqui. Mas é mister realçar que o Metodismo primitivo não foi uma igreja substituta para os descontentes. Mais precisamente, era uma igreja dentro da igreja, oferecendo níveis de espiritualidade que não estavam sendo duplicados no seio da denominação em geral. E apesar de seu envolvimento com o movimento metodista, Wesley desejava que seus seguidores fossem membros fiéis de suas respectivas paróquias.

Nos nossos dias há a necessidade de recuperar a experiência da Conferência Cristã no seio da Igreja. Eu concordo com aqueles que acham que o Metodismo perdeu o seu ponto central quando estas dimensões foram abandonadas. Acredito também que veríamos o ressurgimento da vitalidade se redescobrissemos a dinâmica de ministérios relacionais. As pessoas estão ansiosas hoje, assim como estavam então, por personalizar a sua experiência cristã.

Isso não significa um retorno aos modelos do século dezoito tanto quanto uma recuperação dos princípios que deram lugar às expressões específicas da Conferência Cristã. Dentre eles, o princípio da associação voluntária precisa ser mantido em mente. Por estarmos iniciando como igreja, e não como movimento, precisamos respeitar o direito das pessoas que não querem optar por estas oportunidades especiais de interação no grupo. O fato de Wesley ter seguido este princípio em relação aos grupos é um exemplo histórico de sabedoria que não podemos ignorar. Contudo, podemos estar confiantes de que um grande número estará interessado em ter ministérios grupais vitais no seio das nossas igrejas.

O princípio da variedade estará intimamente relacionado com isso. O tamanho dos grupos, sua constituição, e seus propósitos podem ser diferentes. Nós podemos até querer permitir no seio do grupo aqueles que estão ainda na busca de uma experiência. E mesmo onde houver semelhança de formato (por exemplo, grupos bíblicos domésticos), podemos ainda permitir a variedade nos encontros de um lugar para outro.

Um terceiro princípio realça uma combinação das dinâmicas de grupo com os alvos do ministério. À medida que os grupos forem se formando no seio da igreja, eles devem ser desafiados a olhar para além de si próprios para projetos de serviço. Isso pode significar projetos locais, bem como uma visão mundial, mas é este sentido de ministério que impede o elitismo e a introversão de espírito.

Em quarto lugar, precisamos recuperar o potencial do ministério leigo. Em cada congregação há homens e mulheres maduros capazes de estabelecer grupos vitais de ministério no seio da igreja. Mas, assim como Wesley, não podemos abandoná-los nesses ministérios. O treino e a contínua supervisão da liderança é uma responsabilidade bem como um privilégio pastoral. E no final, significará uma extensão do ministério (além do clero ordenado) tal como aconteceu com Wesley.

Se escolhermos para a Igreja este tipo de estrutura de vida no Corpo, teremos que insistir na disciplina. Se a pressuposição do ministério grupal contemporâneo é o voluntariado, então aqueles que desejam tal comunhão devem estar dispostos a dedicarem-se às disciplinas que levam à maturidade espiritual. Significará, no mínimo, que seja dispensada atenção às disciplinas clássicas, comprovadas, da igreja (18). Pode significar, também, a implementação de disciplinas legítimas que cada igreja venha a adotar. Mas qualquer que seja a forma precisamos adquirir novamente a convicção de que sem disciplina a igreja nunca alcançará a maturidade e poder que Deus espera que ela tenha.

Finalmente, estruturaremos os ministérios grupais contemporâneos tendo como pano de fundo a fidelidade à igreja em geral. Sem dúvida, devemos regozijar-nos quando nossa gente encontra experiências fora das expressões institucionais tradicionais de culto, Escola Dominical, ministérios de comunhão etc. Mas devemos impedir que os membros substituam o Corpo de Cristo mais amplo pelos pequenos grupos. Antes,

devemos trazer a vitalidade do grupo para o centro da vida institucional. Deste modo, a energia do grupo pode encontrar uma maior expressão na igreja, e a igreja pode ser renovada e enriquecida pela vida espiritual que chega até ela através do grupo. Se nós somos realmente wesleyanos, a cooperação — e não a competição — deverá caracterizar o relacionamento entre a igreja e os grupos que estão dentro dela. E onde isso for compreendido e praticado, a Conferência Cristã poderá ser redescoberta como um meio indispensável de graça.

Questões para discussão

1. Quais das formas de conferência cristã de Wesley o atraem mais? Por quê?
2. Que formas de vida grupai existem em sua igreja? Você pode perceber algum princípio wesleyano por trás delas? Você acha que há ocasiões que demonstram a necessidade de tais princípios?
3. Se a sua igreja não tem um ministério de grupo, discuta como vocês poderiam iniciar um. Desenvolva uma estratégia que você possa compartilhar com seu pastor ou com o corpo administrativo.

Notas

1. Wesley, *General Rules*, p. 1. Cr. Jackson, Works 8:267.
2. Wesley, *General Rules*, pp. 5-8, e Jackson, Works 8:270-71. Estes elementos sobre a missão e o ministério serão discutidos no próximo capítulo.
3. Jackson, Works 1:416.
4. Jackson, Works 3:144.
5. Samuel Emerick, ed., *Spiritual Renewal for Methodism* (Nashville:Methodist Evangelistic Materials, 1958), p. 12.
6. Uma das melhores fontes para o estudo deste desenvolvimento é o livro de John S. Simon, *John Wesley and the Religious societies* (London: Epworth, 1921).
7. Howard Snyder, *The Radical Wesley* (Downers Grove, Illinois: Inter-Varsity, 1980), p. 54.
8. Emerick, *Spiritual Renewal*, pp. 17-18.
9. Church, *Early Methodist People*, p. 236.
10. Snyder, *Radical Wesley*, p. 55.
11. Abel Stevens, *The History of the Religious Movement of the Eighteenth Century, Called Methodism, Considered in its Different Denominational Forms, and its Relations to British and American Protestantism* (New York: Carlton and Porter, 1858-1861), 2:454.
12. Snyder, *Radical Wesley*, p. 57.
13. Emerick, *Spiritual Renewal*, p. 18.
14. Emerick, *Spiritual Renewal*, p. 25.
15. Martin Schmidt, *John Wesley: A Theological Biography* vols. (Nashville: Abingdon, 1963), 1:267.
16. Jackson, Works 8:272-73.
17. "Note by Mr. George Stampe", *Proceedings of the Wesley Historical Society*, V, n° 2 (1905), pp. 33-44.
18. Richard J. Foster, *Celebration of Discipline* (New York: Harper and Row, 1978), contém uma das melhores e mais lidas discussões a respeito das disciplinas espirituais de todas as obras contemporâneas.

Por todo o mundo

Embora os meios institucionais da graça fossem importantes e essenciais para João Wesley e os primeiros metodistas, não é provável que apenas desse meio nascesse um movimento de âmbito internacional. Na verdade, já foi demonstrado que cada um dos meios da graça tinha uma expressão comunitária. Isso é bom. Mas não é suficiente para traduzir o impacto que o Metodismo primitivo teve na sociedade inglesa. Além disso, ser uma força espiritual não é suficiente para causar um impacto muito além das fronteiras da Inglaterra. Algo mais era necessário para que isso acontecesse. No caso da espiritualidade wesleyana, esse algo era a atenção aos meios prudenciais da graça.

Esta expressão pode parecer tão pouco familiar quanto a expressão meios institucionais de graça pareceu alguns capítulos atrás. Wesley queria dizer, basicamente, que Deus havia dado outros meios de graça à igreja, através dos quais ela poderia cumprir as dimensões sociais e relacionais do evangelho. Os cristãos prudentes prestariam tanta atenção a eles quanto aos meios institucionais. Wesley escreveu:

“Geralmente supõe-se que os meios da graça e as ordenanças de Deus são termos equivalentes. Normalmente referimo-nos com essa expressão, às obras comumente conhecidas como obras de piedade: a saber ouvir e ler as escrituras, receber a Ceia do Senhor, oração pública e privada, e HUM. Estes são certamente os canais comuns que comunicam a graça de Deus aos corações dos homens. Mas serão eles os únicos meios de graça? Será que não ha outros meios além destes, pelos quais Deus se alegra, freqüente e ordinariamente, para comunicar a sua graça àqueles que o amam e o temem? Certamente há obras de misericórdia bem como obras de piedade, que são verdadeiros meios de graça” (1).

Foi esta combinação de piedade e misericórdia que deu à espiritualidade wesleyana a sua vitalidade e ministério. Essa combinação impediu que as Sociedades Unidas se tornassem introvertidas e auto-suficientes. Wesley fez do mundo a sua paróquia e desejava que os seus seguidores fizessem o mesmo. Conseqüentemente, quase duzentos anos mais tarde, os intérpretes de Wesley vieram a perceber a sua ética social como uma extensão da sua ética individual (2). Em outras palavras, vemos aqui a síntese wesleyana — a sua habilidade de tomar duas idéias que a primeira vista parecem opostas, e juntá-las de modo a produzir uma unidade muito mais forte do que a que existia enquanto estavam separadas.

Foi exatamente isso que aconteceu com a espiritualidade metodista primitiva. Sua combinação da piedade e da misericórdia produziu um instrumento que, nas mãos de Deus, era muito mais eficaz do que esses elementos jamais teriam sido enquanto separados. O mesmo acontece hoje. A santidade de coração e a santidade de vida ainda

continuam a ser os pináculos da espiritualidade vital. Assim, é importante que reconheçamos os meios prudenciais da graça.

Wesley os classifica de acordo com três princípios básicos: evitar o mal, fazer bem, e obedecer a todas as ordenanças de Deus (3). Mas ele era suficientemente sábio para saber que somente os princípios gerais não eram suficientes para definir ou motivar a ética. Assim, Wesley foi mais além nas Regras Gerais e elaborou listas de exemplos para cada categoria. Como poderíamos imaginar, alguns desses exemplos são cultural e historicamente condicionados. Se Wesley estivesse elaborando a lista hoje, com certeza ele a modificaria.

Por outro lado, se rejeitarmos os princípios básicos pelo fato de as listas estarem ultrapassadas, deixaremos de reconhecer a real intenção de Wesley. O que ele estava procurando demonstrar era que a santidade social (tal como a ética coletiva e os atos de misericórdia) precisa ser expressa de maneiras específicas. Para os nossos fins isso significa que a verdadeira espiritualidade nunca é fabricada. Antes, é expressa por via de atos concretos no dia-a-dia.

E interessante que a dimensão social da espiritualidade pode ser expressa tanto negativa quanto positivamente. Ela inclui aquilo que não fazemos, bem com o que fazemos. O princípio do "não fazer o mal" trouxe o elemento daquilo que deve ser evitado para o quadro de referência cristã. O nosso problema hoje é que isso pode, com muita facilidade, ser identificado como legalismo. No entanto, perceber Wesley deste modo seria, novamente, compreendê-lo mal. As proibições de Wesley eram mais para dar limites do que para tolher. Ele sabia que o antinominismo (4) resultaria em inércia espiritual e caos moral. Ele via o uso da lei como algo necessário para guiar o crente no caminho da justiça (5).

As décadas de sessenta e setenta (do século XX) atacaram duramente esta dimensão da vida social e espiritual. A relatividade da moral e a ênfase nos direitos e privilégios do indivíduo desafiaram seriamente a nossa crença nos padrões universais de conduta. A nossa herança wesleyana, contudo, nos lembra de que tais padrões ainda existem. Uma espiritualidade vital perguntará: "O que devo evitar em minha caminhada rumo à maturidade em Cristo?" Esta pergunta não surgirá a partir de qualquer dualismo (6), nem será formulada com a intenção de limitar a nossa vida. Antes, será feita como um meio de encontrar a vida.

A dimensão social surgiu precisamente no momento em que Wesley percebeu que as ações puramente individuais não existem. Tudo quanto nós fazemos e dizemos influencia direta ou indiretamente os outros à nossa volta. A decisão pessoal de evitar certas coisas na vida impede que outros venham a ser desnecessariamente ofendidos ou negativamente influenciados. O resultado é um efeito positivo na sociedade e uma melhora geral da qualidade de vida.

O aspecto de maior efeito na espiritualidade social de Wesley, contudo, é a sua expressão positiva: "Fazer o bem". Neste aspecto Wesley também fez uma lista, só que a partir de três sub-categorias. Primeiro, ele esperava que os metodistas atendessem às necessidades físicas das pessoas. Esta é uma área que inclui a alimentação, o vestuário, o abrigo e a visitação aos doentes e prisioneiros. É nesse ponto que se revela a afinidade de Wesley com os ministérios de assistência social de hoje.

Segundo, Wesley queria que os metodistas fizessem o bem às almas das outras pessoas. Nesta categoria podemos encaixar a motivação wesleyana para o evangelismo e o discipulado. A exortação a um ensino consistente, de modo a evitar doutrinas errôneas, também se encaixa aqui. Para os propósitos deste livro é importante traçar a ligação direta que existe entre a espiritualidade social e os alvos de redenção e nutrição daqueles com quem nos relacionamos. A espiritualidade que ignora o destino eterno dos outros é estranha ao espírito wesleyano. Além disso, a espiritualidade que não busca corrigir uma teologia errônea é igualmente estranha à síntese wesleyana de conhecimento e piedade vital.

Em terceiro lugar, Wesley queria que essa ética positiva fosse demonstrada "especialmente para com os da fé, ou os que querem pertencer à fé" (7) Aparentemente isto pode parecer um preconceito em favor de um tratamento preferencial, mas a intenção de Wesley é diferente. Em uma sociedade que Wesley teria, certamente, caracterizado como secular, a sua convicção era a de que os cristãos deveriam permanecer unidos. Em outras palavras, se a espiritualidade social nos desafia a evitar o mal e a fazer o bem a todas as pessoas, tanto mais deveríamos ter o cuidado de aplicar este mesmo espírito em relação aos nossos companheiros cristãos. Nas palavras de Wesley: "O mundo amará os seus, e os seus somente" (8). Como cristãos devemos prestar atenção especial uns para com os outros.

O terceiro princípio básico da espiritualidade social wesleyana era a atenção a todas as ordenanças de Deus. É interessante que Wesley tenha incluído esta lista que, em sua maior parte, é uma repetição dos meios institucionais da graça. Parece que neste ponto Wesley está fazendo duas coisas. Primeiro, está fundamentando a sua ética social naqueles elementos que não estão sujeitos a adaptações culturais e históricas. Alguns exemplos dos dois primeiros princípios — evitar o mal e fazer o bem — podem variar de geração para geração, mas os meios institucionais são transculturais e trans-históricos. São estes meios que dão fundamento à dimensão social do evangelho.

Segundo, Wesley está efetivamente eliminando a possibilidade de separar os assuntos em categorias desvinculadas umas das outras. Ao incluir a repetição dos meios institucionais na discussão dos meios prudenciais, ele está demonstrando que a espiritualidade pessoal, coletiva e social se sobrepõem e se relacionam. O resultado é uma combinação de fatores que resulta num todo muito mais forte do que qualquer elemento poderia ser sozinho. E deste modo Wesley não nos deixará descansar até que todos estes elementos encontrem expressão na nossa formação espiritual.

Este livro começou com uma citação literal de Wesley. Parece adequado encerrá-lo com outra. Ao pensarmos na percepção compreensiva da vida espiritual que Wesley tinha, e particularmente na sua expressão (neste capítulo), estas palavras parecem especialmente apropriadas:

"É impossível que, em tendo-a, se possa esconder a religião de Jesus Cristo. O nosso Senhor torna isso bem claro e sem qualquer contradição, com uma comparação dupla: 'Vós sois a luz do mundo. Uma cidade firmada no monte não pode ser escondida'. Vós, cristãos, sois 'a luz do mundo' tanto com respeito ao vosso temperamento como às vossas ações. A vossa santidade torna-vos tão visíveis como o sol no meio do céu. Vós não podeis sair do mundo, nem podeis permanecer nele sem ser vistos por todo o mundo... assim é impossível esconder a nossa religião, a menos que a deitemos fora... Sem dúvida, uma religião secreta e inobservável não pode ser a religião de Jesus Cristo. Uma religião que pode ser escondida não pode ser o Cristianismo (9).

Questões para Discussão

1. A partir dos dois princípios — não fazer o mal e praticar o bem — faça pequenas listas, descritivas, da expressão destes princípios em nossos dias.

2. Se houver desacordo em relação ao que deve ou não constar das listas, qual o recurso que o Corpo deve utilizar? Como isto pode refletir no uso que Wesley fazia dos meios institucionais da graça como fundamento para a espiritualidade social?

3. Começando com seus irmãos na fé, discuta meios pelos quais você possa expressar a santidade de vida (espiritualidade social, atos de misericórdia, etc.) em relação aos outros?

4. Reflita um pouco mais sobre o uso que Wesley fazia dos meios institucionais da graça como fundamentação dos princípios "não fazer o mal" e "praticar o bem". No que isto implica em termos de preocupações sociais hoje?

Notas

1. Jackson, *Works* 7:117.

2. Robert W. Burtner & Robert E. Chiles, *John Wesley's Theology: a Collection from his Works* (Nashville: Abingdon, 1982), p. 223.

3. Wesley, *General Rules*, pp. 5-9.

4. O Antinomismo é a crença pela qual uma pessoa ou um grupo não está obrigado a manter a lei. Nos tempos de Wesley, esta crença pertencia a certos grupos que acreditavam que, por estarem sob a graça, estavam libertados dos trabalhos da lei. Wesley achava que esta crença era perigosa, criando, na melhor das hipóteses, a amoralidade, e mais freqüentemente a verdadeira imoralidade.

5. Jackson, *Works* 5:433-46.

6. O Dualismo, do modo como é usado aqui, refere-se a uma crença que vê a dimensão material da vida como algo mau, e a dimensão espiritual como algo bom. Wesley sabia que a espiritualidade vista deste modo, freqüentemente resultava em um ascetismo não-natural. Assim, ele colocou a ética negativa do "não fazer o mal" em outras bases.

7. Wesley, *General Rules*, p. 7

8. Wesley, *General Rules*, p. 7.

9. Jackson, *Works* 5:301-2.

POSTSCRIPTUM

Os capítulos precedentes foram, em larga escala, uma apresentação dos princípios e práticas de Wesley em relação à vida espiritual. Procurei, intencionalmente, evitar as interpretações pessoais, preferindo, antes, ilustrar as idéias principais com material do próprio Wesley e dos primeiros metodistas que o seguiram. Adotei este método porque creio que o conhecimento de uma tradição deve preceder a sua interpretação.

Infelizmente, este método não tem sido abraçado sempre nos estudos sobre Wesley, e o resultado é que por vezes aquilo que é considerado metodista possui pouca semelhança com a tradição. Nós certamente temos a obrigação de conhecer aquilo que Wesley disse e fez nos seus dias, antes de começar a projetar o que ele diria e faria se estivesse vivo hoje.

A este respeito, confio ao leitor a tarefa de fazer as ligações entre a vida de Wesley e a sua própria. Se eu procurasse fazer todas essas ligações por você, estaria lhe roubando a alegria de descobri-las por si próprio. Creio que a reflexão sobre as expressões primitivas da nossa tradição pode nos levar a formar expressões contemporâneas para as nossas vidas e para a vida da igreja em geral.

Mas tendo dito isto, gostaria de deixar claro que a redescoberta da vida devocional na tradição Wesleyana não significará um retorno ou repetição do século dezoito. Há situações em que a recuperação de práticas específicas é possível, e até desejável. Mas há outras em que a recuperação do espírito wesleyano (no dizer de Albert Outler) deve ser o melhor caminho. Mas, uma vez mais, tal recuperação (em prática ou espírito) não pode ser feita sem o conhecimento do original.

Eu encorajaria o leitor a utilizar esta exposição da tradição wesleyana como motivação para aprofundar mais o seu conhecimento sobre as palavras e ações do próprio Wesley. Infelizmente a edição de Jackson das obras de Wesley ainda não foi impressa quando da publicação deste livro (publicação nos EUA — janeiro de 1983), mas as porções das obras de Wesley o foram (1). Este tipo de leitura ajudará o leitor a refletir por si só e a tirar as suas próprias conclusões sobre a forma desejável do Wesleyanismo no futuro. Posso acrescentar também que tal leitura será uma experiência ricamente recompensadora e será, certamente, uma expressão do seu comprometimento com a formação espiritual no espírito wesleyano.

Depois que você tiver concluído este estudo, consulte obras secundárias de bom crédito (2). Elas o ajudarão a ampliar a sua familiaridade com Wesley, oferecendo interpretações úteis e fazendo conexões entre várias facetas da sua vida e do seu pensamento. Um passo final neste processo poderá ocorrer quando você começar a ler as obras que o próprio Wesley leu (3). Isso ajudará a localizar Wesley (e você próprio) no amplo movimento do pensamento cristão.

O exame da espiritualidade wesleyana é algo possível e benéfico para nós hoje assim como o foi para Wesley.

Estamos em uma peregrinação comum rumo à renovação do Cristianismo bíblico. Se permitirmos que Wesley fale mais uma vez, poderemos perceber o que isto significa para a espiritualidade:

“Não há dúvida de que a raiz da religião jaz no coração, nos recônditos da alma; de que esta é a união da alma com Deus, a vida de Deus na alma do homem. Mas se esta raiz está realmente no coração, ela tem que brotar ramos (através de) exemplos de obediência externa” (4).

Podemos estar certos de que à medida que estes fatores forem caracterizando a nossa formação espiritual, estaremos praticando a vida devocional na tradição wesleyana.

Notas

1. Entre as melhores e mais aceitáveis fontes estão as obras de Burtner e Chiles (citadas anteriormente), o estudo de Albert Outler, intitulado *John Wesley* (citado anteriormente), e *The Heart of Wesley's Journal* (Keats Publishing Co., 1979). O livro *Wesley's Fifty-Two Standard Sermons* pode ser adquirido junto à Schmul Publishing Co. O livro *Explanatory Notes Upon the New Testament* foi reeditado recentemente pela Baker Book House. A editora Discipleship Resources também publicou duas coleções de folhetos intitulados *Saddlebags of Sermons and Other Works by John Wesley* que contêm resumos de alguns dos principais sermões de Wesley.

2. Dê uma olhada nas notas ao final de cada capítulo deste livro. Você encontrará um bom número de materiais extras. Além disso, você talvez queira adquirir meu livro, *John Wesley's Message for Today*, publicado pela Zondervan. Ele dará a você uma introdução à teologia de Wesley, através do exame de sua "ordem de salvação". Bibliografias úteis podem ser encontradas nos livros, *John Wesley*, de Outler, e *John Wesley's Theology Today*, de Colin W. Williams.

3. Atualmente, uma boa lista do material que Wesley lia pode ser encontrada na obra de V. H. H. Green, *The Young Mr. Wesley*, que está esgotada (1961, publicado por vários editores). Esta obra documenta as leituras de Wesley em 1734. A dissertação de Richard Heitzenrater, "John Wesley and the Oxford Methodists" (Universidade de Duke, 1972), traz uma lista melhor e mais exata que atravessa o ano de 1735. Minha dissertação, "The Devotional Life of John Wesley" amplia esta lista até o ano de 1738. Nestas listas você poderá encontrar, literalmente, centenas de obras devocionais, muitas das quais podem ser encontradas ainda hoje. Na nota 8 do capítulo 1 você também poderá encontrar uma lista de vários clássicos devocionais. Finalmente, você provavelmente desejará seguir a série, *Classics of Western Spirituality* (Paulist Press). Nela há um volume dedicado à espiritualidade de John e Charles Wesley, bem como vários outros, que Wesley lia.